



**WASHINGTON LUIS ANDRADE DE ARAÚJO**

**MATRÍCULA Nº 20075349**

**AS FRASES DO PRESIDENTE LULA**

**Brasília**

**Outubro de 2004**



WASHINGTON LUIS ANDRADE DE ARAÚJO

MATRÍCULA Nº 20075349

## **AS FRASES DO PRESIDENTE LULA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (Fasa), Centro Universitário de Brasília (Uniceub).

Orientador: Prof. Henrique Codato

**Brasília**

**Outubro de 2004**

Centro Universitário de Brasília  
Faculdades de Ciências Sociais Aplicadas  
Curso de Graduação em Comunicação Social — Jornalismo

## **AS FALAS DO PRESIDENTE LULA**

WASHINGTON LUIS ANDRADE DE ARAÚJO

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Jornalismo no Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Ciências  
Sociais Aplicadas (Fasa) do Centro Universitário de Brasília (Uniceub),  
pela Comissão formada pelos professores:

Henrique Codato (Orientador)

---

(Nome1)

---

(Nome 2)

---

À minha família — Ceres, Thomas, Jordana, Anísa e Lara —,  
pela alegria de estarmos juntos, pelo apoio e pela compreensão,  
e pelos gentis lembretes de que há vida além do computador e do telefone,  
e aos pais, Adonias e Conceição,  
que me ensinaram que nada de grande na vida se fez sem paixão.

## AGRADECIMENTOS

Pela amizade e dedicação demonstradas generosamente por Antonio Barros, Neusa Cardoso, Regina Martinez e Henrique Codato — mestres que entenderam muito cedo que educar é ensinar a viver.

Pelo encorajamento recebido ao longo dessa caminhada de amigos tão queridos como Solange, Venus, Carlos, Iradj, Luis, Jorge, Osmar e Razi.

E também aos companheiros de viagem André Halo, Fábio Góes e Gilson Araújo.

O conhecimento é um ponto, os ignorantes o multiplicaram.

Bahá'ú'lláh (1817-1892)

(...) homem, verdadeiramente, é aquele que ama e serve à sua espécie, a espécie humana.

Bahá'ú'lláh (1817-1892)

## RESUMO

Análise de frases emitidas por Luiz Inácio Lula da Silva divulgadas pela imprensa brasileira nos cinco primeiros meses em que assumiu o Governo do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo, Análise do Discurso, Análise do Conteúdo.

## **SUMÁRIO**

<b>DEDICATÓRIA</b>	p. 04
<b>AGRADECIMENTO</b>	p. 05
<b>EPÍGRAFE</b>	p. 06
<b>RESUMO</b>	p. 07
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	p. 10
1.1 UM GÊNERO TEXTUAL: “FRASE”	p. 10
1.2 OBJETIVO GERAL	p. 11
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	p. 11
1.4 OBJETO	p. 12
<b>2 JUSTIFICATIVA</b>	p. 13
<b>3 HIPÓTESES DE TRABALHO</b>	p. 14
<b>4 DISCUSSÃO TEÓRICA</b>	p. 15
<b>5 METODOLOGIA</b>	p. 17
<b>6 O AUTOR DAS FRASES</b>	p. 19
6.1 LULA E A LÍNGUA DO POVO (LUIZ BELTRÃO)	p. 21
6.2 O HOMEM CORDIAL	p. 22



<b>7 A METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	p. 23
7.1 ANÁLISE DE DISCURSO	p. 29
7.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO	p. 43
<b>8 ANÁLISE DAS CATEGORIAS TEMÁTICAS</b>	p. 45
8.1 REFORMAS	p. 45
8.2 ECONOMIA	p. 47
8.3 MUNDO	p. 49
8.4 FOME	p. 50
8.5 MUDANÇAS	p. 52
8.6 HERANÇA	p. 52
8.7 JUDICIÁRIO	p. 53
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	p. 55
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	p. 57
<b>ANEXO</b>	p. 60

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 UM GÊNERO TEXTUAL: “FRASE”

A vida em sociedade pressupõe uma necessidade de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente por meio da língua (PEDROSA, 2002) — vista, neste trabalho, como uma atividade social, histórica, cognitiva e interativa. Visão reforçada pelo posicionamento de Bakhtin (1997, p. 282), a “língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”.

De acordo com Fairclough (2001), a prática social apresenta várias orientações (econômica, política, cultural etc.), e o discurso pode ser indicado em todas essas práticas.

Ao considerar os gêneros como modos particulares tanto de produção como de consumo social de textos e ao verificar que a sociedade sempre está sujeita a transformações históricas, podemos afirmar que os gêneros também vão sofrer influência dessas transformações. Isso justifica por que os gêneros apresentam uma classificação aberta e provisória. Nas palavras de Marcuschi, (2002, p. 21) os gêneros “variam, desaparecem, reaparecem sob novas formas, aparecem outros novos”.

Após lermos alguns relevantes trabalhos sobre gêneros (BAKHTIN, *op. cit.*) e considerando o fato de não termos encontrado nenhum estudo sobre “frases”, como o estamos concebendo, classificamos esse material como gênero (PEDROSA, *op. cit.*) por apresentar características peculiares e culturalmente servir a um propósito.

As revistas e jornais que utilizam esse gênero, geralmente, apresentam a mesma estrutura padrão em seu registro: “fala” do locutor e (re)contextualização do evento comunicativo onde estava inserida a “fala”.

## **1.2 OBJETIVO GERAL**

O foco dessa pesquisa está na forma e na visão crítica expressa por Luiz Inácio Lula da Silva nas frases que foram publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja*, todas em seções especificamente destinadas à publicação de frases, nos meses de janeiro a maio de 2003, que configuram os meses iniciais de seu mandato como Presidente da República.

A escolha das frases do Presidente Lula, como passará a ser referido ao longo deste trabalho, deve-se à constatação de que essas frases pontuam um novo estilo de comunicação informal/coloquial com a sociedade brasileira, tendo como caixa de ressonância dois dos mais importantes veículos de comunicação de massa do Brasil.

A repercussão dessas frases pode ser constatada pelos desdobramentos posteriores, quais sejam, a multiplicidade de cientistas e comentaristas políticos, editores e jornalistas, intelectuais que tomam como base para reflexões impressas o conteúdo das frases. Esses, por sua vez, emitem juízos de valoração, explorando as contradições nelas inseridas de forma clara ou oculta, bem como observações de natureza tanto positiva quanto negativa ao contexto político e social nos quais as mesmas foram enunciadas.

A grande maioria delas tem o intuito de expressar preocupações com o futuro, discorrer sobre temas do cotidiano, avaliar a gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, aclarar desafios que se impõem ao atual governo, defender políticas públicas, rechaçar posicionamentos de líderes da oposição etc.

## **1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Esta pesquisa objetiva decompor a estrutura das frases do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, identificar os lugares comuns, os temas recorrentes, a linguagem empregada e em assim procedendo, destacar as influências e os modelos teóricos pertinentes à análise.

## 1.4 OBJETO

Segundo Mirian Goldenberg, no livro *A arte de pesquisar* (1998), a escolha de um objeto para pesquisa já pressupõe a emissão de um juízo de valoração, uma vez que, neste caso, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi escolhido em meio a um universo bastante diversificado de líderes políticos que ao longo do tempo têm mostrado ser formadores de opinião no Brasil ao ter sua opinião amplificada diariamente pelos meios de comunicação em massa.

Isso posto, depreendemos que a orientação teórica, o contexto em que a pesquisa será realizado, o momento sócio-histórico, a personalidade do pesquisador, o *ethos* do pesquisado, terão influência direta no que será o próprio resultado da pesquisa.

Nesta pesquisa, a construção do objeto se deu a partir da percepção do efeito das frases do Presidente Lula sobre o cotidiano de uma sociedade consolidada: o Brasil e a sua repercussão amplificada pela revista de variedades mais importante e de maior tiragem no país, a revista *Veja* e também pelo jornal reputado como o de maior poder de influência na sociedade, o jornal *Folha de São Paulo*. O cerne do problema será expor os mecanismos que mantêm essas frases em evidência, de como um Presidente brasileiro tem se posicionado sobre praticamente todos os temas de forma bastante informal, beirando o coloquialismo, algo difícil de ser encontrado no lugar de fala presidencial por seus antecessores na Presidência da República. Considerando a biografia do Presidente Lula, observaremos a repercussão que tais frases causam, alterando o equilíbrio e a interdependência entre os três poderes da República ou fazendo uma profunda autocrítica sobre a história e o discurso consagrado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) até pouco antes das eleições presidenciais brasileiras de 2002. Porta-vozes de instituições, tanto governamentais quanto da sociedade civil, emitem opiniões que oscilam entre o puro descaso ou desacato até o elogio à sua intuição e facilidade com a qual “falam a língua do povo”.

## 2 JUSTIFICATIVA

Luiz Inácio Lula da Silva, após três derrotas em eleições presidenciais (1989, 1994 e 1998), foi eleito de forma consagrada por nada menos que 53 milhões de votos nas eleições presidenciais de 2002. Ao protagonizar esse feito, o país comemorou a eleição do primeiro operário brasileiro, com precária formação cultural — sem curso superior —, a assumir o posto máximo do Poder Executivo no Brasil.

Em contraposição ao Presidente Fernando Henrique Cardoso, a quem sucedeu — um presidente renomado por sua erudição e sólida formação acadêmica, fluente em línguas estrangeiras e autor de diversos livros no campo da sociologia e da ciência política —, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva passou a despertar crescente atenção, não apenas dos meios de comunicação do país, mas também desses meios no cenário internacional.

Há bem pouco tempo motivo de ridículo por seus constantes desatinos gramaticais, com especial ênfase para o uso das concordâncias verbal e nominal, o Presidente Lula tem se notabilizado por cativar os *mídias* brasileiros, tendo feito 54 discursos oficiais entre 6 de janeiro e 30 de abril de 2003. No período, o Presidente Lula discursou por 28 horas e que cada discurso teve um tempo de duração médio de 27 minutos. O mais longo foi o seu discurso de posse no Congresso Nacional: 45 minutos.

O uso de metáforas, figuras de linguagem e a maneira simples com que emite opiniões de maneira inteligente e arguta, expressa nas frases publicadas pelos meios de comunicação em massa, diários e semanais, tiveram peso considerável e justificam este trabalho no âmbito da Universidade.

### 3 HIPÓTESES DE TRABALHO

Como é que um orador sem os recursos intelectuais, a formação acadêmica e a correção gramatical de um Fernando Henrique Cardoso — reputado por muitos como o “príncipe da sociologia brasileira” —, consegue tamanha força de comunicação, impressionando igualmente analfabetos e letrados, proletários e burgueses, civis e militares, como nenhum presidente anterior conseguiu?

Como é que sua linguagem tão coloquial e à vontade, salpicada de anedotas, figuras de linguagem e metáforas, impõe-se com tanta autoridade a todos e a cada um de seus ouvintes?

Mestre em quebrar o protocolo nas cerimônias oficiais, Lula não hesita em partir para autocríticas em público, batendo de frente com a pregação ideológica do PT e com os lugares-comuns da esquerda.

As frases do Presidente Lula fazem parte de alguma orientação técnica formulada por seu assessor de marketing, Duda Mendonça, ou são frases autênticas, ditas no momento em que é provocado por um jornalista ou por um cidadão? As figuras de linguagem extraídas dos esportes, da agricultura etc. são objeto das frases enquanto estratégia de comunicação mais facilmente assimilável pelas classes média e pobre do país? Ou fazem parte do imaginário e do ambiente onde viveu o Presidente Lula, tornando-se algo indissociável de seu discurso?

Quando se afirma que o Presidente Lula apresenta uma outra visão, polêmica muitas vezes, sobre a realidade brasileira, sobre as causas do subdesenvolvimento, sobre o papel retrógrado de suas elites, torna-se necessário buscar a verdade, a motivação por trás da personagem. Nas palavras de José Marques de Melo (2004), seria identificar o poder de influência de suas frases sobre as pessoas, a comoção de grupos, a mobilização de comunidades, dentro das contradições que marcam a sociedade.

## 4 DISCUSSÃO TEÓRICA

O escritor Clóvis Rossi, atualmente colunista do jornal *Folha de São Paulo*, afirma que “independentemente do conceito acadêmico, o jornalismo é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos” (ROSSI, 1987, p. 7). Para alcançar esse fim, torna-se indispensável desvendar o mito da objetividade.

As frases em si, não importando o autor e o lugar da fala, já desmistificam a objetividade, uma vez que essas palavras ditas em ocasiões diversas, abordando temas variados e amplamente difundidos pelos meios de comunicação de massa são um gênero de opinião. E toda opinião prima pelo partidarismo, pela forma como vemos, assimilamos e/ou criticamos o tema abordado.

Nesse contexto, as frases são recolhidas pelos órgãos de imprensa e, em muitos casos, editadas ou contextualizadas. É de suma importância o lugar de fala que, no presente estudo, é o do Presidente da República brasileira. As frases não são, teoricamente, pensadas e escritas com anterioridade. Ao contrário, em geral são ditas de maneira improvisada, ora rebatendo algum ponto em desacordo com a opinião do Governo pelos próprios meios de comunicação, ora expressando frustrações e anseios sobre a realidade brasileira, sobre o seu futuro. Como diria Clarice Lispector (1999, p.13) não se deve “deixar que as palavras esmaguem as entrelinhas”, porque nessas frases o que surge é o pensamento real, aquele que não foi alvo do crivo de assessores governamentais e representa, portanto, a intenção primeira.

A língua é algo que está em constante mudança, movimento; há sempre um discurso ligado a outro e a outro, sem que haja uma pausa. O discurso não é estático. A Análise do Discurso (AD) tem como base de pesquisa o discurso, seja ele narrativo, político, pedagógico, poético, humorístico, jornalístico, religioso, científico ou publicitário.

Cada discurso tem seu objeto de pesquisa. No caso do discurso político é abordado o discurso dos governantes ou candidatos a este tipo de cargo, em campanhas, câmaras, senado etc.

Tendo como aporte teórico a Escola Francesa da Análise do Discurso e como campo discursivo o discurso político, esta monografia trata da análise da heterogeneidade discursiva mostrada (marcada ou não) no discurso político de Luís Inácio Lula da Silva no período compreendido entre janeiro e abril de 2003. O *corpus discursivo* é constituído por recortes — formados por frases produzidas por um único locutor — e por um arquivo disperso e heterogêneo. Analisam-se diferentes formas de inserção do discurso-outro e, no contraponto da análise, observa-se o funcionamento discursivo de cada uma delas, verificando: quais relações se estabelecem, que efeitos de sentido produzem e quais formas de inserção funcionam como tentativa de desqualificação do discurso-outro.

Heterogeneidade discursiva, entendida como elemento constitutivo de práticas discursivas que se dominam, se aliam ou se afrontam num certo estado de luta ideológica e política no seio de uma formação social e numa conjuntura histórica determinada e, discurso-outro, tomado como aquele que é oriundo de uma outra formação discursiva, ou, também, aquele que emerge de uma outra posição-sujeito, inscrita na mesma formação discursiva do sujeito do discurso (Lula).

No interior de cada um desses tópicos examinaremos as diferentes relações que se estabelecem no discurso em pauta. Foi possível observar que o discurso de Lula, em relação à tipologia discursiva, não funciona de forma extensiva, e sim conforme a relação de interlocução.



## 5 METODOLOGIA

Nosso objeto de estudo compõe-se de frases do Presidente Lula. Essas frases têm recebido diária e semanalmente destaque em dois dos mais importantes dos veículos de comunicação do país. Foram então coletadas 83 frases, sendo 70 publicadas no espaço “Frases” do jornal *Folha de São Paulo* e 13 na seção “Veja essa” da revista *Veja*. O conjunto completo desse material encontra-se melhor detalhado no Anexo desta monografia.

Nesse universo, por meio de um cotejamento, encontramos o recorte da presente pesquisa: os principais temas, os temas recorrentes, os textos de cunho social e os de cunho político etc.

A Análise de Discurso será o método utilizado para penetrar nos enunciados das frases do Presidente Lula. As noções de interpretação de discurso são oferecidas amplamente por estudiosos como Michel Foucault, Osvald Ducrot, Dominique Mainguenu.

A preferência da AD como base de sustentação metodológica justifica-se no sentido de efetuar uma leitura mais detalhada das frases, visto que suas entrelinhas geralmente têm um teor muito maior do que o dito no texto, passível, às vezes, de leitura objetiva. A presente análise lingüística encontra fundamento nos estudos de Ducrot e Foucault. Cabe salientar que ao trazer à tona o não-dito, buscar-se-á analisar os pressupostos implícitos do discurso, que são classificados por Ducrot como *significados implícitos*.

Toda fala, esclarece Ducrot (1977, p. 16), apresenta-se como “motivada, como respondendo a certas necessidades ou visando a certos fins”. Por que o Presidente Lula falou o que falou, quais as suas reais intenções, quais os pontos objetivos, os subjetivos e intersubjetivos contidos em seu discurso sobre o país e a sua responsabilidade como presidente do Brasil? São indagações que vêm à mente para que possamos compreender as enunciações do Presidente Lula.

Devido a isso, Ducrot (*ibidem*, p. 17) afirma que “(...) o implícito não deve ser procurado no nível do enunciado, como um prolongamento do nível explícito, mas um nível mais profundo, como uma condição de existência do ato de enunciação”.

Feita a contextualização, partimos para o desenvolvimento da pesquisa pelo método documental-explicativo, traçando paralelos entre os fatores insidiadores da configuração do cenário. Vale lembrar que esse método de pesquisa tem maior procedência à medida que os materiais possam, ou devam, receber um tratamento analítico mais aprofundado, com intuito de mapear elementos que contribuíram, influenciaram, orientaram ou determinaram a ocorrência de certos fenômenos, como sugere Antonio Carlos Gil (1995).

## 6 O AUTOR DAS FRASES

Luiz Inácio Lula da Silva nasceu em Vargem Grande, Caetés, então distrito de Garanhuns, Pernambuco. Migrou com a mãe, Eurídice, para Vicente de Carvalho (SP), onde o pai, Aristides, já trabalhava na estiva do porto de Santos. A viagem de pau-de-arara durou 13 dias, nos quais se alimentou de farinha, rapadura e queijo. No litoral, vendia amendoim, tapioca e laranja.

Em Garanhuns (69,5 mil eleitores), Lula teve 63% dos votos válidos no primeiro turno, desempenho bem superior à média nacional (46%).

Ao chegar a São Paulo, aos 12 anos, Lula começou a trabalhar como engraxate e entregador de roupas em uma lavanderia. Em 1963, formou-se torneiro mecânico no Senai e, em 1964, transferiu-se à metalúrgica Aliança. Foi aí que perdeu o dedo mínimo da mão esquerda, em acidente.

A passagem da vida de operário para a de político aconteceu com a atividade sindical, para a qual entrou em 1966, por intermédio de seu irmão José Ferreira da Silva, o Frei Chico, militante do extinto Partido Comunista.

Em 1972, foi eleito primeiro-secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Em 1975, elegeu-se presidente da entidade. Lula compareceu à posse de terno, gravata e colete. O traje virou alvo de comentários. Nunca um sindicalista havia se vestido assim. No programa *Vox Populi*, da TV Cultura, em maio de 1978, o então sindicalista disse que a classe trabalhadora não gosta de miséria e que tem o direito de consumir tudo o que produz.

Nessa mesma entrevista da TV Cultura, Lula afirmou que não tinha pretensões políticas futuras depois que deixasse o sindicato e que para isso havia sindicalistas mais capacitados. “Jamais participarei disto [política partidária]” (FOLHA ON LINE, 2002).

Na época, ele surgia como uma nova liderança no país. O Brasil vivia sob o regime militar, e os sindicatos dos metalúrgicos do ABC desafiavam o poder coma luta por melhores

salários. Eram movimentos de massa com piquetes nas ruas, assembléias em estádios de futebol e greves com prazos indeterminados.

Na paralisação de 1979, o sindicato de São Bernardo e Diadema sofreu intervenção do Governo Federal, e Lula foi destituído do cargo. Em 1980, mais de 100 mil trabalhadores aderiram ao que foi considerado pela imprensa na época de “a maior paralisação operária da história do sindicalismo brasileiro”. Lula e mais sete sindicalistas, entre eles o ex-presidenciável do PSTU, José Maria de Almeida, foram presos pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Dops) como forma de pressionar a volta ao trabalho.

Enquanto estava preso, a mãe de Lula, Eurídice Ferreira de Mello, morreu de câncer, aos 65 anos. Assim que soube da morte da sogra, Marisa Letícia entrou em contato com o então delegado Romeu Tuma, senador reeleito do PFL-SP, para permitir que o marido acompanhasse o velório e o enterro. Lula foi solto após um mês de prisão. Em 1981, foi condenado pela Justiça Militar a três anos e seis meses de detenção por incitação à desordem coletiva, mas a sentença acabou anulada no ano seguinte.

Ao ser solto, o ex-secretário da Segurança Pública de São Paulo, Erasmo Dias, um dos personagens mais representativos da repressão política no regime militar em São Paulo, foi profético em relação ao destino do sindicalista. “Ele tem agora um futuro político garantido e se elege tranqüilamente deputado ou senador” (*ibidem*), dissera Dias em entrevista após a libertação de Lula.

Em fevereiro de 1980, Lula participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, em São Paulo e, em 26 de maio, sua chapa foi eleita para comandar a executiva da sigla.

Somente no ano de 1982, Luiz Inácio da Silva acrescentou o apelido “Lula” ao nome e disputou o governo de São Paulo. Em 1986, foi eleito com a maior votação do país para a Assembléia Nacional Constituinte. Em 1989, disputou pela primeira vez a Presidência da República e foi derrotado por Fernando Collor de Mello no segundo turno.

Decidido a disputar novamente o cargo, Lula cruzou o país do Oiapoque (AM) ao Chuí (RS) nas “Caravanas da Cidadania”. Em 1994 e 1998, no entanto, perdeu a eleição no primeiro turno para Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

O metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente do Brasil com 61,3% dos votos válidos, contra 38,7% de José Serra, e chega à presidência de República no dia em que

completa 57 anos de idade. Fundador do PT, Lula é o primeiro candidato de esquerda a vencer uma eleição presidencial no país.

## **6.1 LULA E A LÍNGUA DO POVO (Luiz Beltrão)**

Luiz Inácio Lula da Silva, embora às vezes devorasse o “s” de um ou outro plural ou escorregasse na concordância de algum verbo que aparecia antes do sujeito, ou pluralizasse verbos indevidamente (“Haviam problemas sérios”), saiu-se melhor durante a campanha eleitoral de 2002 do que nas anteriores de 1989, 1994 e 1998.

Em 2002 não repetiu coisas obscenas como as registradas em sua primeira candidatura à presidência, em 1989. Nunca mais se ouviu dele um só “menas” e raras vezes os antes freqüentes “acho de que”, “penso de que”, “acredito de que”. Nem se ouviu mais o desastroso “perca” – forma verbal usada em lugar do substantivo “perda” – pronunciado no debate com Fernando Collor de Mello, eleito presidente naquele pleito. Isso comprova que, na última campanha, Lula demonstrou ter aprendido muito. E não só na forma de se expressar, mas também no tom contido e no domínio dos assuntos. Não se sabe se leu muito ou se usou sua aparentemente excepcional capacidade de aprender de ouvido.

O jornalista Josué Machado (2003) afirma que:

As poucas críticas públicas ao suposto despreparo de Lula para governar se concentraram no fato de ele não ter aproveitado seu tempo de candidato para estudar formalmente. Mas, mesmo sob a ótica conservadora da norma culta do idioma, Lula não tem o discurso melífluo de FHC e não tem o discurso refinado e sinuoso de um ou outro acadêmico. Não fala espanhol, francês ou inglês. Lula também não fala em frases longas, virguladas e quase sempre irrepreensíveis do ponto de vista formal. De fato, Lula fala a língua do povo, mas muito melhor do que a maioria do povo. Ele ultrapassa de longe a gramática baixa e elementar dominada intuitivamente por qualquer falante, mesmo os sem instrução. De todo modo, sua fala não é propriamente exemplar.

É preciso considerar, no entanto, que o mais importante na fala, no discurso, na escrita, é a clareza. Lula comunica-se com clareza e fluência.

A propósito de estudo, ascensão e língua, em encontro na Livraria Garnier, no Rio, Machado de Assis (1839-1908) contou ao também escritor Medeiros e Albuquerque (1867-1934)

ter-se surpreendido com a própria ignorância em relação à língua portuguesa, na qual escrevia como ninguém: ao examinar a gramática de um sobrinho estudante, pouco entendera dela. Machado estava sendo irônico e nisso não há novidade. Talvez não conhecesse de fato grande coisa da nomenclatura da gramática artificial, mas conhecia como poucos a língua e a gramática natural, que os gramáticos sempre tentaram aprisionar em livros, com pouco sucesso (*ibidem*).

Numa coisa os estudiosos modernos da língua têm razão: o professor tradicional jamais considerou o fato – porque o ignorava – de que a língua se constrói de dentro para fora, e não o oposto, pois a capacidade de linguagem é dom da espécie humana. Jamais consideraram que para desenvolver os conhecimentos de uma língua é necessário estimular o dom lingüístico normal, inato.

Celso Pedro Luft (1993, p. 39) afirma que “(...) a gramática natural da fala deve sempre preceder, fundamentar, controlar a gramática artificial da escrita”.

## **6.2 O HOMEM CORDIAL**

Sérgio Buarque de Hollanda, em sua obra-prima *Raízes do Brasil* (1997), na qual analisa os fundamentos do destino histórico brasileiro a partir de nossas origens européias, da colonização, do personalismo e da falta de coesão social da nossa cultura, afirma que “o homem cordial (...) é aquele indivíduo generoso, de bom trato, que para confiar em alguém precisa primeiro conhecê-lo. Todos são amigos em todos os lugares. O rigor é totalmente afrouxado. A intimidade chega a ser desrespeitosa” (*ibidem*, p. 146-147). O Brasil constitui uma sociedade onde o Estado é apropriado pela família, os homens públicos são formados no círculo doméstico, os laços familiares são transportados para o ambiente do Estado; o homem age mais pelo coração e tem medo de ficar sozinho.

Pensamos que o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva representa em grande medida a expressão prática do homem cordial. O presidente é, de igual forma, um exemplo de que, na sociedade brasileira, há um apego muito forte ao recinto doméstico, como iremos depreender ao percorremos as frases do Presidente coligidas na presente monografia de conclusão de curso.

## 7 A METODOLOGIA DA PESQUISA

Referenciados pela Análise de Discurso (AD) e tendo como objeto as frases emitidas pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva — publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja*, nos meses de janeiro a maio de 2003 — seguiremos o seguinte roteiro, dividido em temas, conforme a explicação dos conceitos pertinentes a este estudo de textos: (1) tipologia do discurso; (2) formas de argumentação; (3) lugar de fala; (4) paráfrase; (5) intertextualidade; (6) interdiscurso; (7) relações de força, sentido e de texto.

Os tópicos descritos irão servir de suporte para a análise das frases sob comentário nessa monografia. Sob essa perspectiva, as frases apresentam um elemento comum, ou seja, o estudo de caso: o efeito das frases do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na vida nacional.

Assim, o discurso do Presidente Lula tem caráter tanto **autoritário** quanto **polêmico**. A questão da autoridade relacionada a uma enunciação desempenha um papel crucial na sociologia de Pierre Bourdieu. Nele encontramos que o discurso só é “autorizado”, e conseqüentemente eficaz, se for reconhecido como tal:

Este reconhecimento (...) só é atribuído gratuitamente sob certas condições, aquelas que definem o uso legítimo: deve ser pronunciado pela pessoa legitimada para fazê-lo (...): deve ser produzido em uma situação legítima, ou seja, diante de destinatários legítimos; enfim, deve ser enunciado sob formas legítimas (sintáticas, fonéticas etc.) (BOURDIEU apud MAINGUENEAU, p. 37).

Há de se ter em mente que o que caracteriza o discurso, antes de tudo, não é o seu tipo, é seu modo de funcionamento. É relevante destacar a explicação de Eni P. Orlandi (1999, p. 87):

... é importante dizer que as denominações lúdico, autoritário, polêmico, não devem levar a pensar que se está julgando os sujeitos desses discursos; não é um juízo de valor, é uma descrição do funcionamento discursivo em relação a suas determinações histórico-sociais e ideológicas (...) não se deve tampouco tomar

pejorativamente o autoritário como um traço de caráter do locutor, uma questão moralista, mas uma questão do fato simbólico (à injunção à paráfrase).

A sustentação das idéias cobre um amplo espectro de idéias e visões de Brasil. O enfoque sob a ótica da análise de discurso será pormenorizado no subitem 7.1.

Podemos classificar a nossa pesquisa como um estudo de caso, entendido por Antonio Carlos Gil (*op. cit.*) como exame exaustivo de um objeto qualquer, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento. Como método de pesquisa, podemos defini-lo como “um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas várias relações internas e nas suas fixações culturais, quer seja essa unidade uma pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade ou uma nação” (YOUNG, 1960, p. 269).

Um dos instrumentos metodológicos utilizados foi a Análise de Conteúdo (AC), entendida por Philip J. Stone (1971, p. 317) como “qualquer pesquisa técnica cuja finalidade consiste em fazer inferências através da identificação sistemática e objetiva de características no interior do texto”. Esse método permite a realização de uma “segunda leitura”, centrada nos aspectos latentes da mensagem, ou seja, o potencial inédito em termos de sentido, o não-dito, usando dados quantitativos e análise qualitativa. Trata-se de um instrumento de pesquisa largamente utilizado no campo das Ciências Sociais, dotado de um conjunto de apetrechos que pode ser utilizado em análise de discursos diferenciados, principalmente os relativos aos meios de comunicação de grande alcance de público.

Entre os tantos recursos oferecidos pela Análise de Conteúdo, optamos por utilizar nesse trabalho dois tipos de análises: a análise de conteúdo temática e a análise categorial. A análise de conteúdo temática consiste em identificar temas, localizando os "núcleos de sentido" que estão presentes em palavras, frases ou resumos. Segundo Bardin (1977, p. 105), o tema é a unidade de significação que flui naturalmente de um texto. O autor argumenta que as análises de conteúdo temáticas podem ser organizadas em três etapas: a pré-análise, a exploração ou análise do material, e a inferência e interpretação.

A técnica da análise categorial funciona por operações de desmembramento da amostra em unidades e categorias. Isso permite inventariar os temas abordados e decompor o objeto de estudo em unidades, a fim de desvelar seu sentido. Além disso, como afirma Antonio Chizzoti (1991, p. 99),



essa técnica procura reduzir o volume amplo de informações em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação ou, enfim, verificando a influência no estilo, na forma e no conteúdo da comunicação.

Utilizando esse recurso da AC, criamos vinte e nove categorias para identificar os principais temas abordados nas frases do Presidente Lula. Aqui, devido à exiguidade de espaço, buscaremos focar os resultados de somente sete delas, que, ao nosso ver, são as principais.

Segundo Laurence Bardin (*op. cit.*, p. 137), a inferência é o momento que permite investigar “as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores).” Trata-se de uma leitura do implícito, centrada na significação e nos sentidos da mensagem. Para realizar esse procedimento, foi necessário observar atentamente os conteúdos das frases sob enfoque. Além disso, as inferências permitem verificar os possíveis efeitos e conseqüências das frases publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja*.

Bardin ressalta que as inferências podem estar ligadas ao interior da mensagem ou ao seu exterior – um ponto em comum entre a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso. Essa convergência acontece quando Bardin se refere à exterioridade do discurso, às formações discursivas e formações ideológicas ou ainda às condições sociais de produção do discurso. Foi sob essa ótica que usamos ambas as ferramentas metodológicas para analisar 58 das 92 frases que formam o *corpus* desta pesquisa. Afinal, para se atingir os objetivos desse trabalho, não é possível usar apenas um tipo de análise. Optamos por combinar Análise de Conteúdo e Análise de Discurso porque são instrumentos que se complementam e tornam a abordagem crítica mais consistente.

A Análise de Conteúdo visa a extrair sentidos do texto, busca o “que” da mensagem, enquanto a Análise de Discurso tem como pressuposto o fato de que a linguagem não é transparente, e por isso procura descobrir “como” ela funciona. No caso de nosso objeto de pesquisa, não basta somente fazer uma “segunda leitura” dos discursos apresentados nas frases em destaque – procurar apenas o “que”.

Na realidade, segundo Bardin, a Análise de Discurso pertence ao campo da Análise de Conteúdo. Procura estabelecer ligações entre as condições de produção do discurso e a sua

estrutura, de acordo com a autora: “o procedimento tem como objetivo a inferência a partir dos efeitos de superfície de uma estrutura profunda: os processos de produção” (*ibidem*, p. 213).

Segundo Orlandi, no processo comunicativo não há apenas transmissão de informação. Existe um complexo processo de produção de sentidos, pois o homem é sujeito aos efeitos da língua e da história. Assim sendo, a Análise de Discurso “visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, *op. cit.*, p. 26). Isso posto, podemos afirmar que existe uma complementaridade entre a Análise de Conteúdo e a de Discurso.

Procuramos observar as condições de produção das frases, pois, segundo Orlandi (*ibidem*), essas condições funcionam de acordo com três fatores:

1) *Relação de sentidos*: de acordo com essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Todo ele é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo.

2) *Antecipação*: esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.

3) *Relação de forças*: o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Levando-se em consideração que a sociedade é formada por relações hierarquizadas, é o “lugar de fala” do indivíduo que determina a força do discurso

Finalmente, consideramos relevante identificar as tipologias do discurso contido nas frases do Presidente Lula, tendo como referência elementos constitutivos de suas condições de produção e sua relação com o modo de produção de sentidos. Identificamos dois tipos de discurso: autoritário e polêmico, os quais serão explicados posteriormente.

A força de um discurso está fundada no chamado “lugar de fala” do indivíduo, ou seja, a posição na qual o sujeito se encontra na pirâmide social.

Para Foucault (2000b, p. 31), a análise do campo discursivo deve ser orientada para

compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de seu acontecimento; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (...) deve-se mostrar por que não poderia ser outro, em que exclui a qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar.

Este enunciado, que é um acontecimento singular, ao mesmo tempo está aberto à repetição, à transformação e à reativação e, assim, está ligado não somente à situação concreta que o provocou e a enunciados que o precederam, mas também àqueles que o seguem. Dessa forma, “enunciados diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto se eles se referem a um único e mesmo objeto” (*ibidem*, p. 36). Também se poderia estabelecer um grupo de enunciados definidos por seu tipo ou forma de encadeamento; ou que abordem conceitos permanentes e coerentes; ou que persistem com temas que tenham uma mesma identidade. Por esse caminho, poderíamos dizer que no caso em que se pudesse descrever uma regularidade e/ou dispersão de *objetos, conceitos, tipos de enunciação ou temas*, teríamos uma *formação discursiva*. Por outro lado, uma formação discursiva está localizada historicamente, pois “ela determina uma regularidade própria a processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, de transformações, de mutações, de processos” (*ibidem*, p 48).

Em *A Arqueologia do Saber* (*ibidem*), Foucault faz uma ampla abordagem sobre o discurso e sua análise. Entretanto, buscaremos aqui, neste trabalho, nos determos mais no aspecto da formação de tipos ou modalidades enunciativas, pois é onde encontramos a formulação desse autor sobre o *lugar de fala*. É ele quem diz que, nesse aspecto, a primeira questão a ser respondida é:

quem fala? Quem, no conjunto de todos os indivíduos-que-falam, está autorizado a ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos e de quem, em troca, recebe, senão sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o estatuto dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso? (*ibidem*, p. 57).

Esse autor coloca como segunda questão o lugar institucional de onde se obtém o discurso e, como terceira questão, que as posições do sujeito se definem também “pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos” (*ibidem*, p. 59). *Lugar de fala* é, assim, definido como uma lei geral, *a partir da posição e da situação relacional de quem fala*. Como decorrência, uma estratégia discursiva satisfatória deve saber utilizar essas regras para evitar incompatibilidades (por exemplo entre o sujeito que fala e suas palavras). Por outro lado, as estratégias discursivas comportam também o entendimento do “regime e processos

de apropriação do discurso: pois em nossa sociedade (...) a propriedade do discurso está reservada de fato (às vezes, mesmo de forma regulamentar) a um grupo determinado de indivíduos” (*ibidem*, p. 74-75). Por tudo isto, nem todas “as estratégias discursivas (...) são igualmente possíveis, mas somente as que estão autorizadas” (Foucault, 2004).

Em *A Ordem do Discurso* (2000a), Foucault, afirma que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (*ibidem*, p. 37) e que “os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (*ibidem*, p. 39). Assim teríamos, entre outras questões, dois tipos de discurso que aqui ressaltamos: *os repetíveis e os interditados*. Os primeiros seriam aqueles que “estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além da formulação, são *ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (*ibidem*, p. 22). Já os interditados são excluídos porque

sabe-se bem que não se tem direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada (...) são as regiões da sexualidade e da política (...) (*ibidem*, p. 9).

Assim, os enunciados são questionados

a partir dos sujeitos que falam, na medida em que a doutrina vale sempre como o sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia — pertença de classe, de *status* social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação. A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros (*ibidem*, p. 43).

Então, há uma dupla sujeição: “dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam. Enfim, em escala muito mais ampla, é preciso

reconhecer grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos” (*ibidem*, p. 43).

Segundo Orlandi (*op. cit.*), o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Como a sociedade é formada por relações hierarquizadas, são as relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação. A posição social do indivíduo é que vai dar identidade e força ao discurso.

O enfoque sob a ótica da Análise de Conteúdo será explicitado no subitem 7.2.

## 7.1 ANÁLISE DE DISCURSO

Parte das argumentações refere-se à herança deixada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, que sempre atuou com base em um ideário neoliberal. Sobre essa herança, ou seja, a maneira como se encontrou o país do ponto de vista econômico após os oito anos do governo Fernando Henrique Cardoso, o jornal *Folha de São Paulo* (FSP), publicou as seguintes frases do Presidente Lula:

“Eu quero que vocês compreendam, porque são políticos e também tiveram o primeiro ano de mandato e sabem como é que encontraram a máquina pública deste país” (FSP, 13/03/2003).

“Sei que os mais pobres sofrem com a política econômica que temos de aplicar, mas ela é a possível neste momento. Quando der, vamos mudar. A situação do país quando assumimos era muito difícil” (FSP, 15/03/2003).

Sobre o mesmo tema, a revista *Veja*, na seção “Veja essa”, publicou a seguinte frase do Presidente Lula: “Assumi o governo com um passivo de 10 bilhões de reais” (VEJA, 23/04/2003).

Nas três frases acima transcritas, referentes à herança deixada pelo governo anterior, encontramos **marcas de sustentação enfáticas**. “Sabem como é que encontraram a máquina pública...”, “sei que os mais pobres sofrem..”, “a situação do país era muito...”, “assumi o governo com um passivo de...” reforçam a ênfase dada pelo Presidente Lula às contas do país que lhe foram entregues. Por um lado é uma mensagem à nação de que as mudanças não irão ocorrer

“a toque de caixa”, pois a vulnerabilidade financeira do país é bastante elevada, ou em outras palavras, “é preciso tempo para consertar os estragos deixados por meu antecessor”.

É facilmente constatável que a característica autoritária está presente na maioria dos textos do gênero opinativo que tratam sobre política. E no caso das frases pronunciadas pelo Presidente da República não seria diferente. Na verdade, é a forma mais utilizada para a defesa de um argumento, principalmente em situações de extrema parcialidade, momentos nos quais o Presidente da República simboliza o próprio governo. Quando ele assim se expressa, é o mais legitimado a falar em nome do governo, seja para defendê-lo, seja para aclarar ações governamentais ou mesmo para oferecer o seu ponto de vista sobre temas relacionados ao desenvolvimento do país; ou sobre aqueles assuntos que se encontram na ordem do dia dos veículos de comunicação, tais como, segurança pública, controle da inflação, baixa da taxa dos juros, políticas de inserção social, desemprego, fome, situação do sistema educacional, crise na previdência social, entre vários outros. Segundo Orlandi (*op. cit.*), todo funcionamento discursivo atravessa essa tipologia de discurso.

A questão da polêmica também se sobressai no discurso contido nas frases do Presidente Lula. Para exemplificar destacamos as seguintes frases publicadas no jornal *Folha de São Paulo*, seção “Frases”:

“É por isso [pelo fim de uma ‘Justiça classista’] que defendemos o controle externo do Poder Judiciário. Não é meter a mão na decisão do juiz. É pelo menos saber como funciona a caixa preta de um Judiciário que muitas vezes se sente intocável” (FSP, 23/04/2003).

“É por isso que defendemos o controle externo do Poder Judiciário” (*ibidem*).

“Como dizia Lampião, em 1927, neste país, quem tiver 30 contos de réis não vai para a cadeia. Ainda em muitos casos prevalece exatamente isso” (*ibidem*).

Essas três frases, originalmente pronunciadas ao longo do dia 22 de abril de 2003 e publicadas no dia 23 de abril do mesmo ano, caíram como uma bomba sobre o Poder Judiciário brasileiro. A resposta não tardou, e, nesse mesmo, dia dois presidentes de tribunais superiores se manifestaram. As duas frases em defesa do judiciário foram, igualmente, publicadas na mesma edição do jornal *Folha de São Paulo*, de 23 de fevereiro de 2003, na seção “Frases”:

“As palavras do chefe do Poder Executivo atingem o Judiciário como um todo, desservindo à sociedade brasileira.” *Marco Aurélio de Mello*, presidente do STF.

“O controle externo [do Judiciário pelos outros Poderes] bate de frente com a cláusula pétreia [norma constitucional intocável] da independência e harmonia dos Poderes.”

*Nilson Naves*, presidente de STJ.

A imprensa nacional — por meio de seus principais veículos de comunicação impressa, radiofônica e televisiva — repercutiu ao longo das semanas as declarações do Presidente Lula. “Impropriedade”, “destempero verbal”, “inabilidade presidencial”, “incontinência verbal” foram algumas das adjetivações proferidas e escritas por diversos comentaristas políticos. No entanto, há menos de dois anos (em 2001), os olhos da nação estavam no Congresso Nacional, notadamente no Senado Federal, onde funcionava de forma atabalhoada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), de autoria do senador baiano Antonio Carlos Magalhães, com o objetivo de investigar o funcionamento do Poder Judiciário e que propunha, inclusive, a criação de instrumentos de controle externo do Judiciário.

A CPI não prosperou devido à tensão existente entre os senadores Antonio Carlos Magalhães e Jader Barbalho, culminando com a renúncia dos dois entre 2001 e 2002. As frases do Presidente Lula avivaram um assunto que se encontrava quase totalmente esquecido.

No dia 24 de abril de 2003, o mesmo jornal paulista publicava mais uma frase do Presidente Lula sobre o *imbróglio* “caixa preta do Judiciário”, em sua seção “Frases”, a saber: “É por isso que nós defendemos há tanto tempo o controle externo do Poder Judiciário. Não é meter a mão na decisão do juiz. É pelo menos saber como funciona a caixa-preta de um Judiciário que muitas vezes se sente intocável” (FSP, 24/04/2003).

E voltou a abordar o mesmo tema no dia 14 de maio de 2003, conforme a sua frase publicada no mesmo jornal, em sua seção “Frases”: “Espero que o Poder Judiciário tenha agilidade para que processos não sejam engavetados, para que processos não demorem, porque o povo não pode continuar sendo roubado” (FSP, 14/05/2003).

A polêmica com desembargadores, juízes, promotores, advogados, bem como com representantes de entidades de servidores do Poder Judiciário, tem resultado em inúmeros artigos de opinião, suscitado crescente número de cartas de leitores abordando o tema e propiciado a existência de um sem-número de editoriais de diversos jornais do país.

A força de um discurso está fundada no chamado “lugar de fala” do indivíduo, ou seja, a posição na qual o sujeito se encontra na pirâmide social. Foucault classifica essa noção como “relação de forças”. Foucault deixa claro que a comunicação sempre exige uma relação (pelo

menos, entre dois) e toda relação sempre é uma relação de forças, portanto uma disputa. Segundo ele, o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Como a sociedade é formada por relações hierarquizadas, são as relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação. A posição social do indivíduo é que vai dar identidade e força ao discurso.

Um exemplo disso é o respeito com que as demais lideranças políticas do país tratam Luís Inácio Lula da Silva. Seu predecessor no comando Poder Executivo, Fernando Henrique Cardoso, teve a seguinte frase publicada no dia 12 de fevereiro: “Quem chega ao governo, como o PT agora, vê a realidade e se ajusta a essa realidade. É o que eles estão fazendo: se ajustando à realidade” (FSP, 12/02/2003).

Na edição 1.791 da revista *Veja*, na seção “Veja essa”, foi publicada esta frase de autoria também do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso: “Lula tem bons sentimentos, é uma boa pessoa, isso conta” (VEJA, 26/02/2003).

As duas frases do ex-presidente Cardoso podem ser lidas como referências ao prestígio desfrutado pelo Presidente Lula quando se tem em conta que o jornal *Folha de São Paulo*, em sua edição de 18 de fevereiro de 2003, havia publicado as seguintes frases do atual Presidente em sua seção “Frases”:

A fonte de nossas dores de cabeça é que os governos anteriores se endividaram cada vez mais, num círculo vicioso de empréstimo novo para pagar dívida velha e juro alto para remunerar credores cada vez mais desconfiados. Meu governo tem entre seus principais compromissos o de realizar (...) reformas que promovam soluções estruturais e duradouras para o nosso país (FSP, 18/02/2003).

O autoritarismo do discurso do Presidente Lula pode ser justificado pelo **lugar de fala** que ele exerce ao ocupar o cargo de Presidente da República, pois além de ser um líder político carismático, egresso do movimento sindical, desfruta de uma forte empatia com as populações carentes do país. Ou seja, o lugar de fala está diretamente ligado ao discurso de autoridade e se relaciona a posição hierárquica do autor no lugar discursivo.

Para Foucault, as relações de poder não podem ser analisadas no âmbito de uma teoria geral e globalizante, ao contrário, é preciso orientar-se por um método analítico de poder que considere a sua mecânica local em espaços e discursos específicos e em contextos históricos determinados. Para ele, o poder não existe como algo monolítico, o que existem são práticas ou



relações de poder que se disseminam por todo o corpo social, ou seja, o poder é uma relação de forças sendo a recíproca verdadeira. Ainda, de acordo com esse pressuposto conceitual, o poder

não é algo que se possa dividir entre aqueles que possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem (Foucault, 2004, p. 183).

Em suas análises, o poder não está associado a um conjunto de instituições e/ou aparelhos garantidores da sujeição dos indivíduos. O poder funciona como um mecanismo social que não está situado em um lugar delimitado ou embutido em circunstâncias particulares, mas perpassa disseminadamente toda tecitura social e, dessa forma, apresenta-se com uma natureza relacional, ou melhor dizendo, como uma prática social.

Um exemplo dessa característica discursiva é a frase do Presidente publicada no jornal *Folha de São Paulo* no dia 17 de janeiro de 2003, ao se esquivar de perguntas de jornalistas sobre as negociações do PT com outros partidos em torno da presidência da Câmara e do Senado: “O presidente não se mete na disputa do Congresso” (FSP, 17/01/2003).

Outro exemplo é a frase publicada no jornal *Folha de São Paulo* no dia 4 de maio de 2003, referindo-se à sua própria declaração de que o dólar não poderia cair tanto a ponto de prejudicar as exportações: “O governo não vai meter o dedo na questão do dólar” (FSP, 04/05/2003). Nos dois casos supracitados, o locutor da fala é o que detém a autoridade para afirmar isso e não aquilo.

Logo nessas duas primeiras frases podemos avaliar o grau de coloquialismo e mesmo informalismo contidos nas frases do Presidente Lula. Ao optar por expressões como “não se mete...” e “não vai meter o dedo...” os destinatários — milhões de leitores, ouvintes e telespectadores de emissoras de rádio e de televisão do país — imediatamente compreendem a posição adotada pelo governo nas duas questões, a da disputa pelas presidências da Câmara e do Senado Federal e a da questão da taxa do dólar norte-americano: isenção, imparcialidade, distanciamento.

Segundo Orlandi (*op. cit.*, p.40), *funcionamento discursivo* é “a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, com finalidades específicas”. Nesse caso, a finalidade seria demonstrar respeito pelas decisões a serem tomadas nas duas casas do

parlamento que integram outro Poder, o Legislativo, e no segundo, o de respeitar as leis próprias do mercado.

As unidades de contexto das frases anteriores, destacadas a título de ilustração, foram publicadas nos meses de janeiro e maio de 2003. O Brasil testemunhava a luta formidável do Governo para alcançar uma base de apoio razoável no Poder Legislativo, que é onde as medidas e proposições do Poder Executivo recebem legitimidade e, por assim, dizer, “a força de lei”. Ao mesmo tempo, os primeiros meses do governo do Presidente Lula defrontaram-se com sinais de volta da inflação, com aumento abusivo de preços para os consumidores e aumento do risco-país no cenário internacional. As duas frases, curtas e objetivas, serviram para apaziguar os ânimos no Congresso Nacional e acalmar o mercado, notadamente, os investidores estrangeiros.

Quanto à forma de argumentação, a mais comum em seus textos é a **sustentação** de idéias, também uma característica comum em discursos autoritários. A sustentação é apresentação de argumentos a favor de um certo assunto, a fim de persuadir o público-alvo — nesse caso, os leitores do jornal *Folha de São Paulo* e da revista *Veja*. O discurso do Presidente Lula segue sempre abordando temas aparentemente complexos como a solução para o problema secular da fome no Brasil, de maneira objetiva e recheada por metáforas e figuras de linguagem.

Exemplificamos fazendo referência a estas duas frases do Presidente Lula publicadas no jornal *Folha de São Paulo*, em 31 de janeiro de 2003, a seguir:

“É preciso dar o peixe e ensinar a pescar” (FSP, 31/01/2003).

“[Ensinar a pescar] É libertar milhões de brasileiros, definitivamente, da humilhação das cestas básicas” (FSP, 31/01/2003).

Nessas frases encontramos o provérbio milenar dos chineses servindo como argumentação para *alavancar* o seu principal programa na área social, o Programa Fome Zero.

Em 10 de abril de 2003, o mesmo jornal publicou uma nova frase, na qual o tema da fome voltou a ser destacado: “A falta de chuva é fenômeno da natureza, mas a fome é irresponsabilidade dos governantes” (FSP, 10/04/2003).

Em uma mesma frase, o Presidente Lula tratou da questão da seca nordestina, aliando-a à existência e/ou regularidade da ocorrência de chuvas no país e chamou a atenção para a falta de responsabilidade dos governantes que, em suas palavras, são os culpados pela existência da fome no Brasil.

Tem ocorrido que em uma mesma edição, o jornal paulista destaque mais de uma frase do Presidente. Foi o que ocorreu em 10 de abril de 2002, com a publicação da frase: “Muitas vezes se utiliza a seca como instrumento de perpetuação de uma casta” (FSP, 10/04/2002).

Nesta frase, encontramos a intenção denunciante e ao se referir à “perpetuação de uma casta”, o Presidente faz emergir na memória coletiva da nação a situação de penúria e miséria da índia, onde a sociedade se hierarquiza a partir de castas e onde existem os intocáveis. Fica evidente a quem lê esta frase que há uma denúncia objetiva contra os que movimentam a indústria da seca, aqueles políticos e empresários que na ocorrência de seca intermitente em sua região de influência imediatamente se mobilizam para a criação de “frentes de trabalho”, concessão de “cestas básicas” e outros produtos da política assistencialista tão comum nas regiões menos politizadas do país.

A presença da paráfrase é uma marca discursiva das frases do Presidente Lula publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja*. Esse recurso é assim explicitado por Orlandi (*op. cit.*, p. 36):

todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer.

Na edição de 28 de fevereiro de 2003, o jornal *Folha de São Paulo* publicou as seguintes frases de autoria do Presidente Lula: “Vocês imaginam a minha agonia. A cada 0,5% [de elevação dos juros] fico muito angustiado. Ponham-se no meu lugar. Acordo e tenho de conviver com o desconforto de ver o meu governo aumentar os juros. Logo eu, que combati a política de juros altos” (FSP, 28/02/2003).

O Presidente Lula, ao assim se expressar, está fazendo uso da paráfrase afirmando que “logo eu, que combati a política de juros altos” — trazendo, dessa forma, à memória dos leitores, os pronunciamentos inflamados não apenas do petista Luiz Inácio Lula da Silva, o fundador e uma liderança inconteste do Partido dos Trabalhadores (PT), bem como diversas outras lideranças petistas, como os ministros José Dirceu e Luiz Gushiken, a senadora Heloísa Helena e o atual presidente do PT, o deputado federal José Genoíno. Esses consideravam a política dos juros altos do governo Fernando Henrique Cardoso um desserviço ao país e uma forma de manter

o país na condição de Meca do capital internacional especulativo, além de inibir qualquer projeto de desenvolvimento nacional auto-sustentado.

Chama a atenção também nesse texto, a seguinte frase “Ponham-se no meu lugar.” É muito raro na história republicana encontrar nos discursos/falas presidenciais um chamamento para que alguém se ponha em seu lugar, uma vez que o seu lugar é nada menos que o lugar de maior ascendência hierárquica, bem como o de maior autoridade no contexto republicano. Ao mesmo tempo, essa convocação, à primeira vista despropositada, demonstra o grau de perplexidade e de desconforto enfrentado pelo Presidente Lula em comandar um governo que em menos de seis meses de existência elevou a taxa de juros de 22% para 26,5% ao mês, diminuindo assim as condições necessárias para um maior volume de investimento na área social. É, também, uma frase que visa aproximar o povo do Presidente — um egresso desse mesmo povo, com características em comum, como a pouca escolaridade, o passado de operário (metalúrgico), a militância sindical.

Destacamos ainda o uso de paráfrase nas seguintes frases de autoria do Presidente Lula, publicadas em 16 de abril de 2003, pelo jornal *Folha de São Paulo*, em sua seção “Frases”: “Demos um salto de qualidade excepcional. Primeiro, com a visão industrial de Getúlio Vargas. Depois, com o Plano de Metas e o otimismo de JK. E não podemos deixar de lembrar a visão estratégica de desenvolvimento de longo prazo que os militares introduziram” (FSP, 16/04/2003).

Em poucas palavras, o Presidente Lula resgata a história do Brasil por meio de seus antecessores na presidência da República. Ele louva a visão industrial de Getúlio Vargas, o otimismo de Juscelino Kubitschek, a visão estratégica e de longo prazo “que os militares introduziram”. Assim, quase um século de história republicana é trazido à luz. Uma história que remonta à década de 1930, com Vargas, passa por JK nos anos de 1960 e vai até meados da década de 1980, com os governos militares. Pode ser vista também como mais uma pá de cal nos antigos e históricos antagonismos entre as ideologias de direita e de esquerda. Parece ficar para trás a noção de que os militares, ao empreenderem o golpe de 31 de março de 1964, além de suprimir as liberdades e garantias individuais, fecharam por algum tempo o Congresso Nacional, promulgaram uma nova Carta Constitucional, criaram a figura dos senadores “biônicos”. Ainda assim, o povo brasileiro é confrontado com a interpretação de Lula, segundo a qual, “não podemos deixar de lembrar a visão estratégica de desenvolvimento de longo prazo que os militares introduziram.”

E é esse contexto que marca a **condição de produção do discurso** do Presidente Lula. “Regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo” (Orlandi, *op. cit.*, p. 37). É o que o Presidente Lula faz: opina sobre os assuntos políticos que estão repercutindo nos jornais, principalmente sobre o seu governo e o PT. A variedade, nesse caso, é o fato de ele poder colocar sua opinião explicitamente, ao contrário dos jornais que tendem a fornecer um conteúdo informativo e imparcial.

O conteúdo do discurso do Presidente Lula contido nas frases em destaque é reflexo das condições de produção — contexto imediato. As condições de produção compreendem **o sujeito, a situação e a memória**. A memória serve para justificar acontecimentos atuais a partir de raízes históricas. É o que Eni Orlandi (*ibidem*, p. 31) chama de “**memória discursiva**: o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.”

Nessa perspectiva, a memória é tratada como **interdiscurso**, que é relação entre um discurso dado em uma situação e outros anteriores sobre a mesma questão. No caso dessa análise, pode-se observar claramente que não obstante ter um discurso que oscila entre o autoritário e o polêmico, o Presidente Lula tem se posicionado sobre os mais diversos temas, fazendo ilações entre diversas épocas da história do país, ensejando autocríticas à sua atuação, demonstrando estar em sintonia com a grande massa de cidadãos que o elegeu. Tem sido comum que essas frases pareçam, em uma semana, ser repetitivas. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (*ibidem*, p. 31).

Assim, as críticas ao Poder Judiciário, aos radicais do Partido dos Trabalhadores, as referências à necessidade e ao clamor da nação por mudanças estruturais são algumas das marcas mais visíveis na coleção de frases destacadas pelos editores de jornais e das revistas semanais de informações e variedades. Todas as frases estabelecem uma relação direta com aquilo que é factual e com o que já foi dito sobre o assunto. Isso porque um discurso nunca é único, é sempre baseado em discursos anteriores e acrescido do conteúdo ideológico do autor no momento em que produz o discurso.

Com efeito, sobre as aguardadas mudanças, podemos ilustrar com a transcrição dos seguintes textos coligidos da seção “Frases” do jornal *Folha de São Paulo*, de autoria do Presidente Lula:

“Mudança. Essa é a palavra chave. Essa foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro” (FSP, 03/01/2003).

“Quando a gente gera um filho, ele demora nove meses para nascer. Depois demora mais quase 9, 10 ou 11 meses para andar. O governo também é assim: eu não posso prometer que amanhã estará tudo resolvido” (FSP, 12/01/2003).

“Não podemos ser apressados e querer comer a fruta antes de a árvore nascer. Temos quatro anos para mostrar que valeu a pena votar sem medo na eleição passada” (FSP, 14/01/2003).

A presença de interdiscurso nas frases supra-assinaladas é por demais evidente. O Presidente Lula traz à memória dos leitores que a principal mensagem de sua plataforma eleitoral em 2002 não foi outra que a das mudanças. Passado pouco mais de uma semana, ele destaca o que é por demais conhecido por tantos quantos tenham sido pais ou mães: o tempo que uma criança necessita para nascer e o tempo requerido para aprender a caminhar. E, apenas dois dias depois, volta a abordar o mesmo tema, trazendo o exemplo do meio rural: não podemos comer o fruto antes que ele exista.

O desconforto do governo e da sociedade com a manutenção de um patamar bastante elevado da taxa de juros (26,5%) ao mês e a ocorrência constante de discursos inflamados no Congresso Nacional pelos líderes de partidos da oposição, Arthur Virgílio, do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB) e Jorge Bornhausen, do Partido da Frente Liberal (PFL), certamente tiveram seu peso na afirmação final das frases publicadas em 14 de janeiro de 2003: “Temos quatro anos para mostrar que valeu a pena votar sem medo na eleição passada” (FSP, 14/01/2003).

A **intertextualidade** segue as mesmas bases do interdiscurso, com a diferença de que ela é a relação entre textos e não entre discursos. Isto quer dizer que as frases do Presidente Lula sofrem influências diretas de outros textos, como os veiculados na grande imprensa sobre o seu governo. “A intertextualidade envia a uma propriedade constitutiva de todo o texto, como ao conjunto das relações explícitas e implícitas que um texto mantém com outros textos” (MAINGUENAU, 2000, p. 87). Isso é percebido a partir de citações ou alusões a textos anteriores, uma forma bastante comum de defesa argumentativa.

Alguns exemplos de intertextualidade podem ser recolhidos nas duas frases publicadas em duas edições da revista *Veja*, em sua seção “Veja essa”, e ainda em uma frase publicada no jornal *Folha de São Paulo*, na seção “Frases”, a seguir:

“Você, Babá, se não falasse mal do governo, não sairia nem na *Gazeta do Pará*” (FSP, 30/04/2003).

“Você, Babá, sai no *Jornal Nacional* porque fala mal do governo. Se não falasse mal do governo, não sairia nem na *Gazeta do Pará*” (VEJA, 07/05/2003).

“Quem sabe podemos trocar os nossos radicais? Eu troco um Babá por um Gedel!” (VEJA, 21/05/2003).

Nas frases acima torná-se possível perceber que o Presidente Lula estava bastante atento aos gestos de infidelidade partidária explícitos demonstrados pelo Deputado Federal paraense Babá, pela Senadora Heloísa Helena e pelo neopetista José Lindberg. O Presidente, nas três frases, refere-se unicamente ao Deputado Babá. Tanto nos jornais diários quanto nos diversos telejornais, durante vários dias seguidos, as imagens eram dos petistas que insistiam em atacar o governo do próprio PT. Tais imagens estavam relacionadas a sessões nos plenários da Câmara Federal e do Senado Federal em manifestações públicas de apoio a reivindicações do funcionalismo público. Na edição 1.801, da revista *Veja* foi publicada a seguinte frase do ministro da Fazenda Antônio Palocci, ironizando a crise com a ala radical do PT: “Eu venho da medicina, onde os radicais são livres” (VEJA, 07/05/2003). Por meio da utilização da intertextualidade é possível reforçar uma crítica ou argumentação defendida pelo Presidente Lula.

Os conceitos de **antecipação** e da **relação de sentidos e de forças** reforçam a observação das condições de produção das frases do Presidente Lula. A antecipação é como o locutor representa o seu interlocutor. Em outras palavras, é o momento em que o locutor experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar. Muitas vezes, esse recurso é utilizado para dar a impressão de interatividade em vez da implícita autoridade desse discurso. Orlandi (*op. cit.*, p. 39) explica que “segundo o mecanismo da antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem”.

A **antecipação** não é uma das características mais constantes das argumentações do Presidente Lula da Silva. Na amostra analisada, esse tipo de recurso aparece explícito em algumas das frases. A seguir, alguns exemplos.

Do Presidente Lula dirigindo-se ao governador de Alagoas, Ronaldo Lessa, que venceu o ex-presidente Collor nas eleições no Estado: “Vem cá, me dê um abraço, você derrotou o Collor” (FSP, 22/01/2003).

Do Presidente Lula da Silva respondendo a uma mulher que o abordou quando saía do Palácio do Planalto dizendo que o presidente tinha o tom de pele “rosadinho”: “Eu sou moreno, mas é que aqui não tomo sol... Quem morou muito tempo em São Bernardo do Campo estranha” (FSP, 14/05/2003).

A análise atenta da amostragem também aponta a **relação de sentidos e de forças** entre os textos, termos-chave para a Análise de Discurso. Afinal, esses tópicos comandam a argumentação discursiva. A relação de forças é posição relativa do discurso, ou seja, o lugar de fala.

Todo falante e todo ouvinte ocupam um lugar na sociedade e isso faz parte da significação. Os mecanismos de qualquer forma social têm regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações no interior do discurso: são as formações imaginárias. O lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, é constituído de significações. Tecnicamente, é o que se chama relação de forças no discurso (ORLANDI, *op. cit.*, p. 18).

A **relação de sentidos** neste caso é a relação estabelecida entre os textos/frases analisados. A partir dessa lógica, pode-se notar nitidamente que as **reformas** são o assunto mais comum das frases do Presidente Lula no período analisado. Das 92 frases analisadas, 12 tratam do assunto “reformas”.

Em todas as frases analisadas o Presidente Lula é muito enfático em seus argumentos, trazendo marcas discursivas que são provas materiais da construção de conteúdo ideológico — na forma de, por exemplo, sentidos comuns, conceitos morais, preconceitos sociais, fragmentos de determinadas ideologias, tradições, uso de referências a fatos históricos (que também são construídos como tais) etc.

A seguir, alguns exemplos recolhidos do jornal *Folha de São Paulo*: “Ninguém neste conselho foi escolhido por ser amigo do Lula, do PT ou de qualquer outro partido aliado nosso. Esse conselho não é um clube de amigos” (FSP, 15/02/2003).

Venho ao Congresso Nacional com o mais nobre dos sentimentos que aprendi em toda a minha trajetória de vida de luta. O sentimento de que não importa quantas pedras a gente tenha pelo caminho, é preciso sempre



manter o olhar no futuro e na esperança. O sentimento de que é preciso acreditar no ser humano e na sua capacidade de realização em qualquer circunstância, com o vento a favor ou com o vento contra (FSP, 18/02/2003).

Na primeira das frases em questão, a expressão “clube de amigos” remete-nos ao senso comum, que a entende como uma agremiação onde as pessoas se congregam em razão de fatores subjetivos, como o grau de amizade entre os pares, e não em função da competência dos mesmos. No caso, essa frase proferida pelo Presidente Lula refere-se à instalação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, argumentando dessa forma que o grupo não é formado por “amigos” do governo. O Presidente arremata afirmando que o Conselho deve resolver as divergências e críticas internamente. Na segunda frase, do dia 18 de fevereiro de 2003, as expressões “não importa quantas pedras a gente tenha pelo caminho” e “com o vento a favor ou com o vento contra” também evocam nos leitores o senso comum: *pedras* enquanto símbolos dos problemas a serem enfrentados e *vento a favor ou contra* reforçando a idéia de que tanto em tempos de bonança quanto em tempos de adversidade há que se “acreditar no ser humano e em sua capacidade de realização”.

Na mesma linha, a edição 1.803 da revista *Veja* publica a seguinte frase do Presidente Lula, a título de justificar o porquê de somente agora o Partido dos Trabalhadores demonstrar empenho em aprovar as reformas previdenciária e tributária: “Nem todo mundo dorme e acorda na mesma hora” (VEJA, 21/05/2003).

Aparentemente, a banalidade do horário de dormir e de acordar das pessoas, algo de fácil entendimento devido à sua obviedade, é destacada pelo Presidente na forma de autocrítica, deixando subentendido que agora o seu partido acordou para as reformas, em contraposição ao passado recente no qual esse partido inviabilizou as suas aprovações, durante o governo anterior.

As remissões a fatos e a eventos históricos do país são também evocadas pelo Presidente Lula e caracterizam uma de suas marcas discursivas. O jornal de *Folha de São Paulo*, na edição de 31 de janeiro de 2003, publicou a seguinte frase do Presidente: “Não adianta apenas distribuir comida. Se não atacarmos as causas da fome, ela sempre irá voltar, como já aconteceu outras vezes em nossa história” (FSP, 31/01/2003).

Na frase acima, o problema da fome (no Brasil) necessita ser abordado por suas causas e não apenas pelos seus efeitos que, no caso expresso na frase, seriam minorados por meio da simples distribuição de comida. É fato que vários de seus antecessores na Presidência buscaram

atacar a questão da fome, criando planos e projetos, instituições e políticas de segurança alimentar, mas é fato também que o contingente de famintos representa parte substancial da população nacional.

Outra característica que configura marca discursiva nas frases do Presidente Lula é a **utilização de adjetivos e qualificações de caráter pessoal**, o que é corriqueiro e mesmo natural em um material de cunho opinativo. Como ilustração, fazemos referência à frase publicada pela revista *Veja*, edição 1.803: “Quem sabe podemos trocar os nossos radicais? Eu troco um Babá por um Gedel!” (VEJA, 21/05/2003).

Na frase, o Presidente Lula refere-se ao deputado paraense João Batista Oliveira de Araújo, conhecido como Babá e um dos chamados “radicais do PT”, opositor à condução da economia no Governo Lula. O Gedel, na frase referida, é o deputado baiano Gedel Quadros Vieira Lima, que em anos recentes tem estado envolvido em escândalos relacionados com corrupção em seu Estado. O Presidente Lula, em outras frases, denuncia o radicalismo de Babá como forma de conseguir espaço na mídia nacional, como deixam transparecer as frases, já comentadas, e que foram publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja*.

Outro exemplo dessa marca discursiva pode ser conferida na frase do Presidente Lula publicada na revista *Veja*, edição de 1.800, abordando o fato de os políticos de esquerda no Brasil culparem o “imperialismo” pelas mazelas nacionais: “Não agüento mais presidente latino-americano ficar jogando a culpa das desgraças do Terceiro Mundo no imperialismo. Isso é uma bobagem” (VEJA, 30/04/2003).

È importante observar que essa frase foi recolhida pela revista *Veja* de um discurso do Presidente Lula durante uma visita à Companhia Siderúrgica de Tubarão, no Espírito Santo. O adjetivo “bobagem”, aparentemente simples, ou mesmo podendo ser analisado como “força de expressão”, traz uma autocrítica de um dos mais aguerridos porta-vozes da esquerda brasileira, o próprio Presidente Lula.

O **coloquialismo** é também corriqueiro em uma análise mais aprofundada das frases pronunciadas pelo Presidente Lula e publicadas nos dois órgãos sob análise. Alguns exemplos:

“Vem cá, me dê um abraço, você derrotou o Collor” (FSP, 22/01/2003).

“Não comeram nenhum pedaço de mim” (VEJA, 05/02/2003).

“O Brasil não é um Fusquinha, que pode dar um cavalo-de-pau, é um transatlântico. Se a virada não for feita aos poucos, pode afundar. E nós não temos vocação para Titanic” (VEJA, 19/02/2003).

“Ô, Gonçalves, vê se dá para abrir isso aí para o povo chegar mais perto” (VEJA, 14/05/2003).

“Nós não queremos fazer exame de DNA para ver quem é o autor da proposta...” (FSP, 17/05/2003).

“Não fui eleito para quebrar o Brasil” (FSP, 26/05/2003).

Todas as marcas discursivas e textuais que caracterizam as frases do Presidente Lula são recursos utilizados também por outros políticos para defender suas posições.

## 7.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Um exemplo disso é o respeito com que a imprensa tem tratado o Presidente Lula: nos 151 dias que abrangem os meses de janeiro a maio de 2003, o jornal *Folha de São Paulo* destacou em sua coluna “Frases” nada menos que 79 frases do Presidente e a revista *Veja*, publicou no mesmo período, 13 frases em suas 21 edições.

Para ilustrar o caso do discurso tipo autoritário, chamamos a atenção para a seguinte frase publicada pelo jornal *Folha de São Paulo* no dia 9 de fevereiro de 2003: “As pessoas têm de entender que estamos fazendo o possível, que a situação não é fácil e que foi por isso que eu escolhi uma pessoa como o Henrique Meirelles” (FSP, 09/02/2003).

E, três dias depois, em 12 de fevereiro de 2003, o mesmo jornal destacava a frase: “Temos consciência de que estamos fazendo o que é melhor para o país” (FSP, 12/02/2003).

Quase dois meses depois, o Presidente Lula teve a seguinte frase publicada no jornal *Folha de São Paulo*: “O governo não vai meter o dedo na questão do dólar” (FSP, 04/05/2003).

Observamos na frase do dia 9 de fevereiro de 2003 a expressão “têm de entender” e “por isso que eu escolhi”, no dia 12 de fevereiro, destacamos o “estamos fazendo o que é melhor”. Em 4 de maio, personificando o próprio governo, o Presidente Lula afirma que “não vai meter o dedo na questão do dólar”. Nas três ocasiões o Presidente buscou tranquilizar a sociedade brasileira, ao

mesmo tempo em que assumia a total responsabilidade pela escolha do presidente do Banco Central do Brasil.

## 8 ANÁLISE DAS CATEGORIAS TEMÁTICAS

As categorias temáticas foram definidas previamente, durante o inventário temático, como recomenda Bardin (1977, p. 117), ao explicar o procedimento categorial da análise de conteúdo. As principais são as seguintes:

1) **Reformas** – defesa e esclarecimento sobre a necessidade de se fazerem as reformas previdenciária e tributária.

2) **Economia** – angústia com o aumento da taxa de juros e com a condução da economia brasileira como um todo.

3) **Mundo** – preocupações com a recente guerra dos Estados Unidos com o Iraque e em relação ao relacionamento com os países desenvolvidos.

4) **Fome** – defesa do programa Fome Zero, preocupações com o imenso contingente populacional que no Brasil passa fome.

5) **Mudanças** – reconhecimento de que foi eleito pelo povo brasileiro para fazer mudanças estruturais, explicações sobre o porquê de não estar conseguindo imprimir velocidade nas mudanças.

6) **Herança** – explicações sobre a situação de fragilidade econômica deixada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso.

7) **Judiciário** – preocupações com a morosidade dos processos na Justiça, defesa de controle externo para o Poder Judiciário, falta de transparência no Judiciário.

### 8.1 REFORMAS

Foram 12 as frases do Presidente Lula publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja* no período de análise. A primeira saiu no jornal paulista em 18 de fevereiro de 2003

e a última no dia 24 de maio de 2003. Por ser bastante abrangente, destacamos, *in totum*, o teor do que foi publicado no dia 18 de fevereiro:

O Brasil precisa de uma reforma que desonere o investimento produtivo e o trabalho, que simplifique os mecanismos de arrecadação e estimule o aumento da produtividade e da competitividade externa da nossa economia, melhorando a distribuição de renda (...) É preciso reduzir os espaços para a tão problemática guerra fiscal, buscando uma convergência capaz de harmonizar as relações no interior da Federação (FSP, 18/02/2003).

Ao se pronunciar sobre o tema, o Presidente Lula

- defende que toda a sociedade seja ouvida sobre o assunto (FSP, 19/01/2003);
- afirma que se ficarem por conta dos secretários da Fazenda e da Receita Federal, elas não saem (FSP, 23/01/2003);
- declara que a reforma tributária só será aprovada se for desejo dos governadores e se eles aceitarem “perder alguma coisa”(FSP, 23/01/2003);
- denuncia os riscos advindos da não aprovação das reformas (FSP, 18/02/2003);
- anuncia que as reformas serão enviadas ao Congresso Nacional antes de junho de 2003 (FSP, 12/03/2003);
- afirma que quanto às reformas a esquerda tem comportamento conservador (FSP, 12/04/2003);
- declara que as reformas não salvarão o Brasil, mas que haverá melhor utilização dos recursos financeiros por parte dos Estados (FSP, 16/04/2003);
- afirma que se as reformas não forem aprovadas ele será o grande derrotado e a esquerda ficará 50 anos fora do poder (FSP, 01/05/2003);
- explica o porquê de somente agora o seu partido, o PT, passar a defender a necessidade das reformas (VEJA, 21/05/2003);
- posiciona-se por uma reforma agrária tranqüila e pacífica (FSP, 24/05/2003).

No dia 1º de janeiro de 2003, no discurso de 15 minutos que fez do parlatório do Palácio do Planalto para os populares que se concentravam na Praça dos Três Poderes, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva disse que estava realizando um sonho que não era só dele, mas de todo o povo brasileiro. Lula disse ter plena consciência de sua responsabilidade e que estaria, junto com seus companheiros, assumindo um compromisso com a história republicana do

País e reforçou que nada iria impedir que as reformas esperadas pelo povo fossem feitas. Essas frases indicam, de forma bastante clara, que ele vem mantendo seu compromisso quanto às reformas e que não hesita em remover os obstáculos que possam inviabilizá-las.

No mesmo discurso, o Presidente afirma que “não vacilará em pedir à população que o ajude a governar o País, porque a responsabilidade não é só dele, mas sim de todo o povo brasileiro.” E adicionou, ainda, que “vocês podem ter absoluta certeza de que, quando não puder fazer algo, vou dizer que não posso, que não sei ou que não tenho capacidade”.

A espontaneidade e a franqueza com que tem se pronunciado tem sido uma das principais marcas discursivas do Presidente Lula. Ao observador atento que relê esse discurso em seu primeiro dia de mandato, pronunciado com a pompa e circunstância do parlatório do Palácio do Planalto, não deixa de ser comovente a fala de um homem comum, que veste sua melhor roupa de domingo para passear com a mulher. E esse aspecto é realçado com o seguinte excerto, extraído do mesmo discurso: “Eu quero terminar agradecendo a esta companheira. Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa, muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com essa faixa com que nós sonhamos tanto tempo”<sup>1</sup>

No centésimo dia de seu governo — 10 de abril de 2003 —, o presidente Lula defendeu as reformas previdenciária e tributária, dizendo que seria preciso acabar com “privilégios” e promover a justiça social. Ao criticar as resistências às mudanças, ele afirmou que, “do ponto de vista das reformas, a esquerda tem comportamento muito conservador”.

## 8.2 ECONOMIA

Foram 11 as frases do Presidente Lula publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja* no período de análise. A primeira saiu no jornal paulista em 20 de fevereiro de 2003 e a última no dia 26 de maio de 2003. Por ser bastante abrangente, destacamos esta frase, publicada no dia 18 de fevereiro no jornal *Folha de São Paulo*:

A estabilidade da nossa moeda encontra-se ameaçada. As pessoas assistem inquietas à diminuição do poder de compra de seus salários, com a alta de muitos preços. O vírus da inflação voltou a ser, desde o final do

---

<sup>1</sup> Discurso do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de posse, proferido em 1º de janeiro de 2003.

ano passado, uma ameaça real para o organismo econômico brasileiro. O câmbio permanece instável e distorce nosso sistema de preços internos.

Ao se pronunciar sobre o tema, o Presidente Lula:

- compara o Brasil a um transatlântico com o qual não se pode dar um cavalo-de-pau (VEJA, 19/02/2003);
- afirma que a estabilidade da moeda encontra-se ameaçada (FSP, 20/02/2003);
- declara que o aumento da taxa de juros não irá baixar a inflação (FSP, 20/02/2003);
- faz uma auto-crítica ao ver que seu governo precisa elevar a taxa de juros (FSP, 28/02/2003);
- declara seu desconforto ao ter de elevar a taxa de juros (FSP, 10/03/2003);
- expressa seu desejo de o Brasil ter taxas de juros equivalentes às dos Estados Unidos e às da Europa (FSP, 25/05/2003);
- defende a seriedade do seu governo (FSP, 25/05/2003);
- afirma que não foi eleito para “quebrar o Brasil” (FSP, 26/05/2003);
- defende o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, e o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles (FSP, 31/05/2003).

Diversos analistas econômicos consideram que o ano de 2002 poderia ser visto como o ano em que o Plano Real viveu sua desmoralização final. Isso porque, apesar de todo o esforço da propaganda oficial, a promessa de que se acabaria com a inflação e se aceleraria o crescimento por meio da abertura aos capitais e aos bens do exterior deixou de convencer a grande maioria do eleitorado.

O principal indicador da confiança do investidor estrangeiro na economia brasileira, o chamado risco país — a avaliação da disposição de um governo de pagar seus compromissos e também de outros fatores que possam causar perdas —, teve crescimento abrupto desde o segundo semestre de 2002. O risco Brasil foi um termômetro da crise de desconfiança com que representantes do capital estrangeiro temiam a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, conhecido como “radical de esquerda”, “líder sindical” aguerrido e ainda como detentor de baixa escolaridade.

Em 29 de setembro de 2002, no auge das incertezas geradas pela proximidade das eleições o risco se elevava ao número recorde de 2.443 pontos. Candidato da aliança PT, PL, PCdoB, PCB



e PMN, o Presidente Lula foi eleito no segundo turno, em 27 de outubro de 2002, com 61,2% dos votos válidos, e ostentando uma marca nunca antes atingida de 52,79 milhões de votos. No período entre a divulgação do resultado eleitoral e o término do primeiro dia útil do governo Lula, o risco Brasil registrou 1.375 pontos, segundo o banco *JP Morgan Chase*.

Nas frases sobre o tema, torna-se evidente as preocupações do governo com o recrudescimento do risco inflacionário, o movimento ascensional do dólar norte-americano e a busca incansável do aumento da confiança na economia brasileira por parte dos investidores internacionais.

### 8.3 MUNDO

Foram 10 as frases do Presidente Lula publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja* no período de análise. A primeira saiu no jornal paulista em 27 de janeiro de 2003 e a última no dia 29 de maio de 2003. Por ser abrangente, destacamos a que foi publicado no dia 18 de fevereiro no jornal *Folha de São Paulo*:

Teremos tempos difíceis pela frente. O mundo entrou em período de maiores incertezas. A situação internacional se agravou com o anúncio de uma nova guerra, o que já está produzindo conseqüências dolorosas para a economia mundial. (...) Essa nova instabilidade vem somar-se à difícil situação que herdamos. A cotação do dólar voltou a subir em relação ao real, e o risco-Brasil parou de cair. São mais pedras no nosso caminho, que temos que remover, e vamos remover, com as políticas adequadas que temos adotado, com dedicação e aumento da nossa coesão social (FSP, 29/05/2003).

Ao se pronunciar sobre o tema, o Presidente Lula:

- condena o protecionismo praticado pelos países ricos (FSP, 27/01/2003);
- exige que não sejamos tratados como “cidadãos de segunda categoria” (FSP, 27/01/2003);
- defende uma solução constitucional para a crise venezuelana (FSP, 29/01/2003);
- declara que, referindo-se aos Estados Unidos, um Estado não pode cometer “uma loucura qualquer” reportando-se à guerra no Iraque (FSP, 29/01/2003);

- afirma que o Presidente George W. Bush está obcecado com o Iraque (FSP, 29/01/2003);
- declara que não se sentiu diminuído por ter participado do Fórum Econômico em Davos (Suíça) (VEJA, 05/02/2003);
- defende o papel da ONU para a manutenção da paz mundial (FSP, 18/03/2003);
- critica a dispersão de recursos, vindos dos países ricos, que deveriam ser alocados para o combate da fome no mundo (FSP, 18/03/2003);
- critica os Estados Unidos por tratar seus temas na OMC e desejar que os temas do Brasil sejam tratados no âmbito do Acordo de Livre Comércio das Américas (Alca) (FSP, 29/05/2003).

A escalada belicista do governo de George W. Bush contra o Iraque levou o mundo a um novo e perigoso patamar de incertezas. A reação norte-americana aos atentados de 11 de setembro de 2001, em New York e em Washington, levou os Estados Unidos à recessão econômica e, em consequência, resultou em um quadro de instabilidade política, econômica e social no concerto internacional. O presidente Lula posicionou-se claramente contra a guerra no Iraque e defendeu uma solução pacífica a ser intermediada pela Organização das Nações Unidas. Nos dois casos, não foi bem-sucedido: a guerra ocorreu mesmo à revelia do Conselho de Segurança das Nações Unidas e a ONU passou a desempenhar um papel secundário nos desdobramentos do pós-guerra.

A Alca, produzida e promovida pelo governo norte-americano, também foi alvo de ressalvas do Presidente Lula, que optou pelo fortalecimento imediato do Mercosul. Outro assunto que extrapolou as fronteiras nacionais foi o surgimento do Programa Fome Zero, que o Presidente Lula lançou logo nos primeiros dias de seu governo. O Presidente lançou a idéia de que fosse lançado um similar mundial – o Fome Zero internacional – e buscou incluir na agenda dos países desenvolvidos (o G-8) a questão.

## **8.4 FOME**

Foram 8 as frases do Presidente Lula publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja* no período de análise. A primeira saiu no jornal paulista em 31 de janeiro de 2003 e a última

no dia 17 de maio 2003. Destacamos esta frase publicada no dia 31 de janeiro de 2003, no jornal *Folha de São Paulo*: “Não adianta apenas distribuir comida. Se não atacarmos as causas da fome, ela sempre irá voltar, como já aconteceu outras vezes em nossa história” (FSP, 31/01/2003).

Ao se pronunciar sobre o tema, o Presidente Lula:

- ensina que é preciso, além de “dar o peixe, ensinar a pescar” (FSP, 31/01/2003);
- reforça a lição do “ensinar a pescar” (FSP, 31/01/2003);
- afirma que o problema da fome será resolvido quando esta for uma preocupação dos políticos (FSP, 16/02/2003);
- explica que a seca tem sido usada como forma de perpetuação de uma casta (FSP, 10/04/2003);
- assume que a questão da fome é da responsabilidade dos governantes (FSP, 10/04/2003 );
- declara que no combate à fome não importa de quem é a autoria do programa – não precisaria fazer exame de DNA (FSP, 17/05/2003);
- afirma a necessidade de existir uma “política coordenada” para evitar dispersão de esforços (FSP, 18/05/2003).

Não obstante as estatísticas conflitantes, desde a campanha eleitoral de 2002, a plataforma do Governo Lula preconizava a prioridade de se combater a fome no país. O seu programa (Fome Zero) foi atacado duramente pela nascente oposição, formada principalmente pelos políticos do PSDB e do PFL. O argumento era o da burocratização do programa e também a *descoordenação* movida pelo ministro da Segurança Alimentar, José Graziano. O assessor da Presidência para esse programa, Frei Betto, foi escalado diversas vezes para explicar à imprensa os méritos e os futuros desdobramentos do programa. Setores da Igreja Católica – com o bispo de Campos (RJ), Dom Mauro Moreli à frente — mostraram-se reticentes quanto ao êxito e a eficácia do Programa.

Nas frases, o Presidente deteve-se mais em diagnosticar o problema da fome e o fez evocando o senso comum, jogando luz sobre a milenar sabedoria chinesa do “ensinar a pescar”.

Na medida em que a sociedade mostrava-se ansiosa com a lentidão tanto das mudanças prometidas quanto das reformas previdenciária e tributária, a questão da fome mobilizou a imprensa e constitui-se como a principal marca do governo ao tratar das desigualdades sociais e históricas existentes no Brasil.

## 8.5 MUDANÇAS

Foram sete as frases do Presidente Lula publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja* no período de análise. A primeira saiu no jornal paulista em 3 de janeiro de 2003 e a última no dia 30 de maio de 2003. A frase destacada para ilustrar o tema “mudanças” foi publicada no dia 3 de janeiro, no jornal *Folha de São Paulo*: “Mudança. Essa é a palavra chave. Essa foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro” (FSP, 3/01/2004).

Ao se pronunciar sobre o tema, o Presidente Lula:

- afirma que não pode prometer que as mudanças serão imediatas (FSP, 12/01/2003);
- explica o porquê de não fazer as mudanças com pressa (VEJA, 19/03/2003);
- informa as dificuldades encontradas quando assumiu o governo (FSP, 18/04/2003);
- declara que a esquerda é conservadora e tem medo do “novo” (VEJA, 18/04/2003);
- condena a pressa dos que querem as mudanças logo (FSP, 14/04/2003);
- afirma que precisamos trabalhar para podermos ver outras paisagens mais positivas (FSP, 30/05/2003).

Esse tema é irmão consangüíneo de outro tema já abordado, a saber, o da necessidade das reformas. As mudanças que foram aventadas em sua plataforma eleitoral, em 2002, foram confirmadas. As frases destacaram unicamente o aspecto do ritmo em que as mesmas deveriam se realizar. Ficou patente que a prioridade do governo estava centrada na necessidade de manter a economia “sob controle”, evitando o contágio do caos instalado na vizinha Argentina há cerca de dois anos. A sinceridade com que o Presidente abordou o problema merece destaque ante qualquer observador imparcial do momento político vivido ao longo dos últimos cinco meses.

## 8.6 HERANÇA

Foram cinco as frases do Presidente Lula publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja* no período de análise. A primeira saiu no jornal paulista em 18 de fevereiro de 2003

e a última no dia 25 de maio de 2003. A frase escolhida para ilustrar esta temática foi publicada no dia 18 de fevereiro:

A fonte de nossas dores de cabeça é que os governos anteriores se endividaram cada vez mais, num círculo vicioso de empréstimo novo para pagar dívida velha e juro alto para remunerar credores cada vez mais desconfiados. Meu governo tem entre seus principais compromissos o de realizar (...) reformas que promovam soluções estruturais e duradouras para o nosso país (FSP, 12/02/2003)

Ao se pronunciar sobre o tema, o Presidente Lula:

- denuncia erros de avaliação do governo anterior, que tornou a economia nacional dependente do capital externo (FSP, 20/02/2003);
- pede que os políticos sejam compreensivos, pois sabem como ele encontrou a máquina pública do país (FSP, 13/03/2003);
- afirma que assumiu o governo com um passivo de 10 bilhões de reais (VEJA, 23/04/2003);
- afirma que os juros praticados pelo seu governo são os da economia herdada (FSP, 25/05/2003).

A herança recebida do governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso foi o principal argumento do atual presidente, tanto para justificar as medidas amargas e impopulares do aumento da taxa de juros quanto para contextualizar a demora em se promover as mudanças por ele prometidas desde 1989, quando pela primeira vez se candidatou à Presidência da República. Sem nunca atacar a pessoa de Fernando Henrique Cardoso, pode-se ver pelas frases a sua contumaz condenação à forma como foi conduzida a economia na gestão de seu antecessor no Palácio do Planalto. Embora curtas, as frases são de uma clareza única, chegando-se mesmo à declaração do “passivo de 10 bilhões de reais” nas contas do país, encontrado no momento em que tomou posse, em 1º de janeiro de 2003.

## 8.7 JUDICIÁRIO

Foram cinco as frases do Presidente Lula publicadas no jornal *Folha de São Paulo* e na revista *Veja* no período de análise. A primeira saiu no jornal paulista em 23 de abril de 2003 e a

última no dia 14 de maio de 2003. Por ser bastante abrangente, destacamos a frase publicada no dia 24 de abril no jornal: “É por isso que nós defendemos há tanto tempo o controle externo do Poder Judiciário. Não é meter a mão na decisão do juiz. É pelo menos saber como funciona a caixa-preta de um Judiciário que muitas vezes se sente intocável” (FSP, 24/04/2003).

Ao se pronunciar sobre o tema, o Presidente Lula:

- espera que o Poder Judiciário tenha agilidade para que o povo não continue a ser roubado (FSP, 14/03/2003);
- cita Lampião em 1927, quando quem tinha dinheiro não era preso (FSP, 23/04/2003);
- defende um controle externo para o Poder Judiciário (FSP, 23/04/2003);
- defende o fim de uma “justiça classista” e demonstra interesse em saber como funciona a “caixa preta” do Poder Judiciário (FSP, 23/04/2003).

O crônico problema de um judiciário indolente e ineficiente, de uma justiça surda aos clamores das classes mais pobres do país, foi fustigado em diversas frases do Presidente Lula. O uso do termo “caixa preta do Judiciário” gerou uma crise entre os Poderes Executivo e Judiciário. O mesmo judiciário que deverá ser acionado na ocasião da aprovação pelo Congresso Nacional das reformas encetadas pelo governo, além de no momento em que forem consideradas as questões de constitucionalidade de determinadas medidas — entre essas, a interpretação sobre o significado do “direito adquirido”.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, além de termos observado marcas discursivas de caráter textual e gramatical, como pronomes, advérbios, adjetivos e verbos no modo imperativo, pudemos verificar a existência de uma coerência no discurso abarcado nas frases do Presidente Lula. Ficou evidente que o sucesso de comunicação do Presidente Lula reside na absoluta franqueza e total simplicidade (quase simploriedade) com que toma a palavra para denunciar o que sente estar errado, equivocado. E, para tanto, não é econômico em fazer uso do senso comum, em fazer analogias de temas sérios como “risco-país” com imagens que habitam o cotidiano de parte expressiva do povo brasileiro, como por exemplo a escalção do time do Corinthians.

Acreditamos que o Presidente Lula desenvolveu, nos últimos cinco meses de 2003, um discurso contundente, marcado pelo informalismo e pelo coloquialismo, como uma maneira de vocalização de expressão e de pensamentos, que mesmo não sendo aqueles que reputaríamos como sendo “*a favor da correnteza*”, ainda assim representam muito da diversidade sócio-cultural de um país tão multifacetado e com uma história tão marcada por idas e vindas, por acertos e desacertos, por esperanças e frustrações, por elites poderosas se contrapondo a extensas parcelas da população que não têm como emitir sua opinião.

As metáforas são usadas a torto e a direito, o que ficou bastante comprovado. E essas metáforas, longe de serem adremente elaboradas, são metáforas geralmente extraídas da sabedoria popular. Mais que isso, tanto as analogias quanto as metáforas largamente utilizadas nas frases do Presidente Lula trazem consigo a marca da legitimidade. E referimo-nos à legitimidade como expressão que encontra ressonância na sociedade brasileira, uma vez que o seu contrário seria, por exemplo, a fala de um intelectual renomado abordando a questão da dívida externa na chamada “*linguagem das ruas*”.

O Presidente Lula, de certa forma, revoluciona a linguagem oficial ao trazer para o convívio do poder as “falas”, “frases”, “provérbios”, “máximas”, “mensagens de pára-choques de

caminhão” que são familiares às pessoas simples, sejam elas operários da construção civil, agricultores, donas-de-casa ou desempregados. Acima de tudo, esta pesquisa deixa evidente que o Presidente Lula se faz entender pelo brasileiro com poucos anos de escolaridade, ou mesmo sem nenhuma escolaridade.

O estilo oratório tão singular e pessoal do Presidente está tendo impacto na direita, que ainda não venceu todas as desconfianças, e revoltando a esquerda, que exige a ruptura com a política econômica do governo anterior. Mas, o que se sobressai do debate meramente ideológico é a comprovação de que o Brasil tem em sua presidência um brasileiro que, não obstante o seguimento da política econômica do governo anterior, consegue explicar coisas que para seus críticos são inexplicáveis, uma vez que a principal plataforma de seu discurso eleitoral foi a da mudança, da ruptura do modelo de gerir o Estado.

Quando se diz, com fina sabedoria, que o Brasil está mudando Lula, o significado embutido nessa afirmação resume-se assim: o Brasil é maior do que qualquer ideologia preestabelecida, e não cabe em nenhuma delas, seja de direita ou esquerda, de onde se segue que o Brasil não tem de se organizar como deseja a esquerda ou a direita, e sim como querem os brasileiros.

Como afirmou Ortega Y Gasset (1983, p. XX): “Eu sou eu e as minhas circunstâncias.” À luz projetada por essa frase, não seria demais afirmar que o Presidente Lula está longe de se adaptar ao figurino de Presidente da República e que o que ocorre é exatamente o inverso: a presidência é que vem se adaptando ao seu estilo, o estilo simples de homem do povo que guindado ao principal núcleo de poder do país, mantém-se fiel às suas origens.

O político, quando é um verdadeiro estadista, mostra-se dócil à força das coisas que move a História, fiel à altura dos tempos e aos imperativos da opinião pública.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAKHTIN, Mikail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CAIAFA, J. Mídia e poderes: algumas notas e breve espaço de estratégias. **Comunicação&Política**, v. 1, n. 1, 1994.

CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Cortez, 1991.

COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1997.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: editora perspectiva, 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOLHA DE SÃO PAULO (FSP). **Frases**. Edições publicadas entre os meses de janeiro e maio de 2003.

FOLHA ON LINE. **Biografia do Presidente Lula**. São Paulo, 2002. Seção “Especiais”. Disponível em [<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/governolula/presidente-biografia.shtml>].

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Ed Forense, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Editora Graal, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1995.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

Holanda, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Cia. Das Letras, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999.

LUFT, Pedro Celso. **Língua e Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1993.

MACHADO, Josué. **Manual da Falta de Estilo**. São Paulo: Ed. Best Sellers, 1995.

\_\_\_\_\_. **Revista Educação**, São Paulo, n. 263, março de 2003. Disponível em [[http://www2.uol.com.br/aprendiz/n\\_revistas/revista\\_educacao/marco03/lingua.htm](http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/marco03/lingua.htm)].

MAINGUENAU, Dominique. **Novas tendências em análise de discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Termos-Chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: UFMG: 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade *In*: DIONÍSIO, Angela *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORTEGA Y GASSET. Meditaciones del Quijote. **Revista de Occidente**, I: 322, Madrid, 1946-1983.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. “Frases”: Caracterização do gênero e aplicação pedagógica. *In*: DIONÍSIO, Angela *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

STONE, P. J. A análise de conteúdo da mensagem. *In*: COHN, G. (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Nacional, 1971.

TAFNER, J.; FISCHER, J. TAFNER, M. A. **Metodologia do trabalho acadêmico**. Curitiba: Juriá, 1999.

VEJA. **Veja essa**. Edições publicadas entre os meses de janeiro e maio de 2003.

YOUNG, P. **Métodos científicos de investigación social**. México: Editora UNAM, 1960.

## ANEXO

	<b>TEMA ABORDADO</b>	<i>Folha de São Paulo</i>	<i>Veja</i>	<b>FRASES</b>	<b>CONTEXTO</b>
1	<b>ALIANÇAS</b>	30/03/2003		"Esses que agora procuram certos companheiros de outros partidos são justamente os que, nas eleições, eram contra qualquer aliança"	
2	<b>AMIGOS</b>	15/02/2003		"Ninguém neste conselho foi escolhido por ser amigo do Lula, do PT ou de qualquer outro partido aliado nosso. Esse conselho não é um clube de amigos."	durante a instalação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, dizendo que o grupo não é formado por "amigos" do governo e que deve resolver as divergências e críticas internamente, ontem na <i>Folha</i>

3	<b>AVALIAÇÃO</b>	16/03/2003		"Demos um salto de qualidade excepcional. Primeiro, com a visão industrial de Getúlio Vargas. Depois, com o Plano de Metas e o otimismo de JK. E não podemos deixar de lembrar a visão estratégica de desenvolvimento de longo prazo que os militares introduziram"	
4	<b>AVALIAÇÃO</b>	09/02/2003		"As pessoas têm de entender que estamos fazendo o possível, que a situação não é fácil e que foi por isso que eu escolhi uma pessoa como o Henrique Meirelles"	
5	<b>AVALIAÇÃO</b>	20/02/2003		"Nossos predecessores no poder avaliaram mal a situação internacional e acreditaram que haveria mais vantagens que inconvenientes ao fazerem nossa economia dependente dos capitais internacionais. Não foi o que ocorreu."	em artigo publicado anteontem no jornal francês "Le Monde", ontem na <i>Folha</i>
6	<b>AVALIAÇÃO — HERANÇA</b>	12/02/2003		"Temos consciência de que estamos fazendo o que é melhor para o país."	endossando o rigor fiscal e monetário que tem sido defendido pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci Filho, ontem na <i>Folha</i>

7	<b>CÂMBIO</b>	04/05/2003		"O governo não vai meter o dedo na questão do dólar."	que, na quinta-feira, havia dito que o dólar não poderia cair tanto a ponto de prejudicar as exportações, ontem na <i>Folha</i>
8	<b>COMPETÊNCIA</b>	1º/01/2003		"Eu quero colocar pessoas que conheçam as empresas e tenham competência em gerenciamento."	dizendo que a definição dos presidentes das principais estatais está quase completa e que essas empresas deverão ser dirigidas por funcionários de carreira, ontem na <i>Folha</i>
9	<b>CONFIANÇA NO FUTURO</b>	02/05/2003		"Eu disse, logo que tomei posse, que nós íamos começar fazendo o necessário, depois iríamos fazer o possível e, se Deus nos permitir e todo mundo ajudar, poderemos fazer até o que parece impossível."	durante discurso no Congresso, após entregar os projetos de reforma tributária e da Previdência, ontem na <i>Folha</i>
10	<b>CONGRESSO</b>	17/01/2003		"O presidente não se mete na disputa do Congresso"	ao se esquivar de perguntas de jornalistas sobre as negociações do PT com outros partidos em torno das presidências da Câmara e do Senado

11	<b>CONGRESSO</b>	18/02/2003		<p>"Venho ao Congresso Nacional com o mais nobre dos sentimentos que aprendi em toda a minha trajetória de vida de luta. O sentimento de que não importa quantas pedras a gente tenha pelo caminho, é preciso sempre manter o olhar no futuro e na esperança. O sentimento de que é preciso acreditar no ser humano e na sua capacidade de realização em qualquer circunstância, com o vento a favor ou com o vento contra."</p>	
12	<b>CONGRESSO</b>	18/02/2003		<p>"Tenho certeza de que o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, que instalamos na semana passada, terá importante papel a cumprir. Esse Conselho é um órgão de assessoramento do presidente, a exemplo do que ocorrem em várias das maiores democracias do mundo. Mas não vai, em hipótese alguma, substituir nem tampouco relativizar o poder do Congresso Nacional."</p>	

13	<b>CRISE SOCIAL</b>	18/02/2003	<p>"Vivemos uma aguda crise social, educacional e de segurança pública, sobretudo nas grandes metrópoles brasileiras. Como podemos ficar indiferentes quando vemos parte preciosa da nossa juventude ser arrastada para o mundo do crime e da marginalidade social? Como podemos continuar indiferentes quando vemos todos os dias adolescentes matarem ou serem mortos pelo país afora? Como podemos permanecer indiferentes à sistemática destruição dos laços familiares em nossa sociedade, sobrecarregando principalmente as mães? Como podemos ser indiferentes aos mais de 40 milhões de brasileiros e brasileiras que vivem abaixo da linha de pobreza? Como ficar indiferente quando o mundo, que precisa de paz, se vê ameaçado pelo risco iminente de uma guerra? A sociedade brasileira, para o nosso orgulho, não está indiferente. Ao contrário. Está mobilizadíssima."</p>	
----	---------------------	------------	---	--



14	<b>ECONOMIA</b>		Edição 1.791 26/02/ 2003	"Os nossos predecessores acreditaram que haveria mais vantagens do que inconvenientes em tornar a nossa economia dependente dos capitais internacionais."	criticando o governo FHC em artigo publicado no jornal francês <i>Le Monde</i>
15	<b>ECONOMIA</b>		Edição 1.790 19/02/2003	"O Brasil não é um Fusquinha, que pode dar um cavalo-de-pau, é um transatlântico. Se a virada não for feita aos poucos, pode afundar. E nós não temos vocação para <i>Titanic</i> ."	
16	<b>ECONOMIA — INFLAÇÃO</b>	18/02/2003		"A estabilidade da nossa moeda encontra-se ameaçada. As pessoas assistem inquietas à diminuição do poder de compra de seus salários, com a alta de muitos preços. O vírus da inflação voltou a ser, desde o final do ano passado, uma ameaça real para o organismo econômico brasileiro. O câmbio permanece instável e distorce nosso sistema de preços internos."	
17	<b>ECONOMIA — JUROS</b>	31/05/2003		"Não pensem que o Palocci [ministro da Fazenda] e o Meirelles [presidente do BC] não querem que os juros caiam. Tanto eles como vocês devem dormir todo dia imaginando o momento em que devem ser reduzidos os juros."	dirigindo-se aos presidentes da Ford para a América do Sul e para o Brasil

18	<b>ECONOMIA</b> — <b>JUROS</b>	26/05/2003		"Não fui eleito para quebrar o Brasil."	ao comentar as críticas contra a política de juros do governo
19	<b>ECONOMIA</b>	25/05/2003		"Um governo sério, que tenha projeto e saiba o que quer e como fazer para chegar aonde quer, trabalha com mais paciência do que aqueles que muitas vezes anunciam medidas bombásticas e no dia seguinte quebram o país. Não fui eleito para quebrar o Brasil"	
20	<b>ECONOMIA</b>	25/05/2003		"Gostaríamos de ter juros de padrão europeu, do padrão dos EUA. Mas a realidade da nossa economia é outra"	
21	<b>ECONOMIA</b> — <b>JUROS</b>	10/03/2003		"Acordo e tenho de conviver com o desconforto de ver o meu governo aumentar os juros. Logo eu, que combati a política de juros altos."	segundo relato do deputado petista Chico Alencar, ontem na <i>Folha</i>
22	<b>ECONOMIA</b> — <b>JUROS</b>	28/02/2003		"Vocês imaginam a minha agonia. A cada 0,5% [de elevação dos juros] fico muito angustiado. Ponham-se no meu lugar. Acordo e tenho de conviver com o desconforto de ver o meu governo aumentar os juros. Logo eu, que combati a política de juros altos"	segundo relato do deputado Chico Alencar (PT-RJ)
23	<b>ECONOMIA</b> — <b>JUROS</b>	20/02/2003		"Esse aumento de taxa de juros não vai resolver o aumento da inflação, que vem dos preços vinculados ao dólar"	Lula, líder nas pesquisas para o 2º turno, em 17/10/2002, dois dias após o BC elevar os juros de 18% para 21%

24	<b>ECONOMIA — JUROS</b>	20/02/2003		"A estabilidade da moeda encontra-se ameaçada. O vírus da inflação voltou a ser uma ameaça real para o organismo econômico brasileiro"	Lula, já presidente, em mensagem para o Congresso na sua reabertura, na última segunda-feira, sem, no entanto, mencionar a reunião do Copom que começaria no dia seguinte
25	<b>ELITES</b>	8/05/2003		"A gente não pode criticar São Paulo, Minas ou Rio sem lembrar que muitas vezes a elite do Nordeste ganhou tanto dinheiro quanto a elite de São Paulo."	durante discurso na terça-feira em Aracaju (SE), ontem na <i>Folha</i>
26	<b>FOME</b>	10/04/2003		"A falta de chuva é fenômeno da natureza, mas a fome é irresponsabilidade dos governantes"	
27	<b>FOME</b>	16/02/2003		"O combate à fome só vai acontecer de verdade no mundo quando a fome for transformada num problema político, quando os famintos começarem a preocupar os governantes."	
28	<b>FOME</b>	31/01/2003		"Não adianta apenas distribuir comida. Se não atacarmos as causas da fome, ela sempre irá voltar, como já aconteceu outras vezes em nossa história"	
29	<b>FOME</b>	31/01/2003		"É preciso dar o peixe e ensinar a pescar"	
30	<b>FOME</b>	31/01/2003		"[Ensinar a pescar] É libertar milhões de brasileiros, definitivamente, da humilhação das cestas básicas"	
31	<b>FOME</b>	10/04/2003		"Muitas vezes se utiliza a seca como instrumento de perpetuação de uma	

				casta"	
32	<b>FOME ZERO INTERNACIONAL</b>	18/05/2003		"A idéia é tentar criar um único fundo e que a gente possa, a partir daí, direcioná-lo tanto para o desenvolvimento como para a educação para ver se conseguimos ter uma política coordenada."	criticando a dispersão de recursos direcionados por países ricos, por organizações humanitárias e por instituições multilaterais para regiões pobres do mundo, ontem na <i>Folha</i>
33	<b>FOME ZERO INTERNACIONAL</b>	17/05/2003		"Nós não queremos fazer exame de DNA para ver quem é o autor da proposta [do fundo mundial contra fome]"	
34	<b>FUTEBOL</b>	16/05/2003		"O atleta é a razão do espetáculo. Sem ele, poderíamos colocar todos os dirigentes em campo, que ninguém compraria ingresso"	
35	<b>HERANÇA</b>	25/05/2003		"Os juros que estamos praticando são os da economia herdada"	
36	<b>HERANÇA</b>	13/03/2003		"Eu quero que vocês compreendam, porque são políticos e também tiveram o primeiro ano de mandato e sabem como é que encontraram a máquina pública deste país"	anteontem, em discurso a prefeitos

37	<b>HERANÇA</b>	18/02/2003		"A fonte de nossas dores de cabeça é que os governos anteriores se endividaram cada vez mais, num círculo vicioso de empréstimo novo para pagar dívida velha e juro alto para remunerar credores cada vez mais desconfiados. Meu governo tem entre seus principais compromissos o de realizar (...) reformas que promovam soluções estruturais e duradouras para o nosso país."	
38	<b>HERANÇA</b>		Edição 1.799 23/04/2003	"Assumi o governo com um passivo de 10 bilhões de reais."	encontro com sindicalistas em São Paulo "Então suspenda o pagamento da dívida.", José Maria de Almeida, ex-candidato à Presidência pelo PSTU e membro da executiva da CUT, interrompendo o presidente
39	<b>HERANÇA</b>	20/02/2003		"Nossos predecessores no poder avaliaram mal a situação internacional e acreditaram que haveria mais vantagens que inconvenientes ao fazerem nossa economia dependente dos capitais internacionais. Não foi o que ocorreu."	em artigo publicado anteontem no jornal francês <i>Le Monde</i> , ontem na <i>Folha</i>
40	<b>JUDICIÁRIO — CAIXA PRETA</b>	14/05/2003		"Espero que o Poder Judiciário tenha agilidade para que processos não sejam engavetados, para que processos não demorem, porque o povo não pode continuar sendo roubado."	cobrando do Judiciário agilidade para que processos contra administradores públicos acusados de corrupção não fiquem engavetados, ontem na <i>Folha</i>

41	<b>JUDICIÁRIO</b> — <b>CAIXA PRETA</b>	24/04/2003		"É por isso que nós defendemos há tanto tempo o controle externo do Poder Judiciário. Não é meter a mão na decisão do juiz. É pelo menos saber como funciona a caixa-preta de um Judiciário que muitas vezes se sente intocável."	defendendo, em discurso em Vitória (ES), o controle externo do Judiciário, ontem na <i>Folha</i>
42	<b>JUDICIÁRIO</b> — <b>CAIXA PRETA</b>	23/04/2003		"Como dizia Lampião, em 1927, neste país, quem tiver 30 contos de réis não vai para a cadeia. Ainda em muitos casos prevalece exatamente isso"	
43	<b>JUDICIÁRIO</b> — <b>CAIXA PRETA</b>	23/04/2003		'É por isso que defendemos o controle externo do Poder Judiciário'	
44	<b>JUDICIÁRIO</b> — <b>CAIXA PRETA</b>	23/04/2003		"É por isso [pelo fim de uma 'Justiça classista'] que defendemos o controle externo do Poder Judiciário. Não é meter a mão na decisão do juiz. É pelo menos saber como funciona a caixa preta de um Judiciário que muitas vezes se sente intocável"	
45	<b>LEGALIDADE</b>		Edição 1.799 23/04/2003	"Este país possui leis, e vamos cumpri-las."	retrucando José Maria de Almeida, ex-candidato à Presidência pelo PSTU e membro da executiva da CUT, que interrompeu o presidente quando afirmava que assumiu o Brasil com um passivo de 10 bilhões de reais

46	<b>MANDATO FUTURO</b>	06/04/2003		"Estou convencido de que em apenas quatro anos a gente não vai conseguir fazer a grande coisa que a gente sonhava fazer, mas estou convencido de que o alicerce será feito de tal forma que a gente possa construir vários andares a partir daí."	em discurso na cidade paraense de Barcarena, ontem na <i>Folha</i>
47	<b>MINISTROS</b>	23/01/2003		"O ministro continua ministro e vai combater a corrupção."	sobre o ministro Anderson Adauto (Transportes), acusado de envolvimento em irregularidades na Prefeitura de Iturama (MG), ontem na <i>Folha</i>
48	<b>MUDANÇAS</b>	30/05/2003		"Precisamos colocar essa bicicleta para andar, até para vermos outras paisagens, como a paisagem do crescimento, a paisagem sem criança na rua, sem prostituição infantil, sem trabalho escravo ou infantil e sem favela."	comparando a situação da economia do país a uma bicicleta ergométrica
49	<b>MUDANÇAS</b>	14/04/2003		"Não podemos ser apressados e querer comer a fruta antes de a árvore nascer. Temos quatro anos para mostrar que valeu a pena votar sem medo na eleição passada."	respondendo às críticas sobre o suposto imobilismo de sua gestão e dizendo-se tranqüilo com os rumos da administração, ontem na <i>Folha</i> .
50	<b>MUDANÇAS</b>	12/01/2003		"Quando a gente gera um filho, ele demora nove meses para nascer. Depois demora mais quase 9, 10 ou 11 meses para andar. O governo também é assim: eu não posso prometer que amanhã estará tudo resolvido."	em discurso na Vila Irmã Dulce, bairro pobre de Teresina (PI), ontem na <i>Folha</i>

51	<b>MUDANÇAS</b>	03/01/2003		"Mudança. Essa é a palavra chave. Essa foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro."	
52	<b>MUDANÇAS</b>		Edição 1.794 19 /03/2003	"Tive de esperar nove meses para nascer. Depois, onze meses para andar. Depois, doze meses para aprender a falar papai e mamãe. Por que vou fazer as coisas com pressa?"	em discurso para metalúrgicos do ABC paulista
53	<b>MUDANÇAS</b>		Edição 1.798 16/04/2003	"A esquerda também é conservadora e tem medo do novo."	criticando os que resistem à reforma da estrutura sindical
54	<b>MUDANÇAS — HERANÇA</b>	18/04/2003		"Sei que os mais pobres sofrem com a política econômica que temos de aplicar, mas ela é a possível neste momento. Quando der, vamos mudar. A situação do país quando assumimos era muito difícil."	em reunião com governadores e ministros na Granja do Torto, ontem na <i>Folha</i>
55	<b>MUNDO</b>	29/05/2003		"Os EUA querem negociar seus temas sensíveis na Organização Mundial do Comércio, mas negociar os temas sensíveis para o Brasil na Alca. Se manda uns para a OMC, tem de mandar os outros também."	sobre as atitudes comerciais dos EUA
56	<b>MUNDO</b>	18/05/2003		"A idéia é tentar criar um único fundo e que a gente possa, a partir daí, direcioná-lo tanto para o desenvolvimento como para a educação para ver se conseguimos ter uma política coordenada."	criticando a dispersão de recursos direcionados por países ricos, por organizações humanitárias e por instituições multilaterais para regiões pobres do mundo



57	<b>MUNDO</b>	18/03/2003		"O momento atual demonstra que a ONU deve continuar sendo o fórum por excelência para a solução pacífica dos conflitos"	
58	<b>MUNDO</b>		Edição 1.788 05/02/2003	"Não comeram nenhum pedaço de mim."	ao deixar Davos
59	<b>MUNDO</b>	29/01/2003		"Ele [Bush] está obcecado com o Iraque."	
60	<b>MUNDO</b>	29/01/2003		"Um ser humano pode cometer uma loucura qualquer, mas o Estado não pode."	sobre a possibilidade de um ataque unilateral norte-americano ao Iraque
61	<b>MUNDO</b>	29/01/2003		"Amanhã será a minha vez, depois a da Argentina, a do Chile"	defendendo o respeito à Constituição da Venezuela
62	<b>MUNDO</b>	27/01/2003		"Não queremos ser tratados como cidadãos de segunda categoria. Respeito é bom, nós damos e gostamos de receber"	
63	<b>MUNDO</b>	27/01/2003		"De nada valerá o esforço exportador que venhamos a desenvolver se os países ricos continuarem a pregar o livre comércio e a praticar o protecionismo"	

64	<b>MUNDO — GUERRA</b>	18/02/2003		"Teremos tempos difíceis pela frente. O mundo entrou em período de maiores incertezas. A situação internacional se agravou com o anúncio de uma nova guerra, o que já está produzindo conseqüências dolorosas para a economia mundial. (...) Essa nova instabilidade vem somar-se à difícil situação que herdamos. A cotação do dólar voltou a subir em relação ao real, e o risco-Brasil parou de cair. São mais pedras no nosso caminho, que temos que remover, e vamos remover, com as políticas adequadas que temos adotado, com dedicação e aumento da nossa coesão social."	
65	<b>PAPEL DO ESTADO</b>	24/04/2003		"Duas idéias defendidas nas últimas décadas como verdades incontestáveis já revelaram sua inconsistência: [a de que] o Estado nacional deve ser mínimo e [a de que] tudo pode ser deixado por conta do mercado."	durante discurso em Ouro Preto (MG), ontem na <i>Folha</i>
66	<b>POBREZA MUNDIAL</b>	17/05/2003		"O dinheiro do mundo hoje dedicado a ajudar as populações pobres é um montante praticamente incontrolável, porque há milhares de entidades, cada uma fazendo uma pequena coisa. E cada país destina um pouco de dinheiro para outra finalidade, num outro país"	

67	<b>PROSAICO</b>	22/01/2003		"Vem cá, me dê um abraço, você derrotou o Collor."	ao governador de Alagoas, Ronaldo Lessa, que venceu o ex-presidente Collor nas eleições no Estado, ontem na <i>Folha</i>
68	<b>PROSAICO</b>	14/05/2003		"Eu sou moreno, mas é que aqui não tomo sol... Quem morou muito tempo em São Bernardo do Campo estranha."	respondendo a uma mulher que o abordou quando saía do Palácio do Planalto dizendo que o presidente tinha o tom de pele "rosadinho", ontem na <i>Folha</i> .
69	<b>PROTOCOLO</b>		Edição 1.802 14/05/2003	"Ô, Gonçalves, vê se dá para abrir isso aí para o povo chegar mais perto."	gritando ao chefe de sua segurança, coronel Gonçalves Dias, para permitir que a população se aproximasse mais do palanque em que falou ao povo da periferia de Aracaju, em Sergipe
70	<b>PT</b>	30/04/2003		"O partido está muito intelectualizado e influenciado pelos setores mais abastados da classe média. Está esquecendo a peãozada"	
71	<b>PT</b>	30/04/2003		"Se eu não for bem [no governo], a esquerda vai ficar 50 anos fora do poder"	
72	<b>RADICAIS DO PT</b>	30/04/2003		"Você, Babá, se não falasse mal do governo, não sairia nem na 'Gazeta do Pará'"	segundo o relato de deputados
73	<b>RADICAIS DO PT</b>		Edição 1.803 21/05/2003	"Quem sabe podemos trocar os nossos radicais? Eu troco um Babá por um Geddel!"	desapontado com o deputado baiano Geddel Vieira Lima, que criou dificuldades para a adesão do PMDB ao governo

74	<b>RADICAIS DO PT</b>		Edição 1.801 07/05/2003	"Você, Babá, sai no <i>Jornal Nacional</i> porque fala mal do governo. Se não falasse mal do governo, não sairia nem na <i>Gazeta do Pará</i> ."	puxando a orelha do dissidente em reunião com a bancada do PT
75	<b>RADICAIS PT</b>	17/05/2003		"Se você mora num prédio, tem de seguir as regras do condomínio."	em possível referência aos dissidentes do PT, ontem na <i>Folha</i>
76	<b>REFORMAS</b>	24/05/2003		"Não é possível imaginar que num país deste tamanho, com a quantidade de terra que tem, precise ter ocupação com violência contra quem quer que seja. Nós precisamos fazer uma reforma agrária tranqüila e pacífica."	falando na quarta-feira, em Balsas (MA), sobre as recentes invasões de terra no país
77	<b>REFORMAS</b>	18/02/2003		"Temos que garantir um sistema justo e sustentável, que assegure o pagamento das aposentadorias e pensões das atuais e das futuras gerações. Se o custeio do sistema não for devidamente equacionado, muito em breve não haverá dinheiro para pagar pensões, benefícios e aposentadorias."	
78	<b>REFORMAS</b>	1º/05/2003		"Quero terminar o governo e poder andar na rua de cabeça erguida. O grande derrotado serei eu se não conseguir fazer as reformas. (...) Se eu não for bem, a esquerda vai ficar 50 anos fora do poder."	sobre as propostas de reformas enviadas ontem ao Congresso, ontem na <i>Folha</i>

79	<b>REFORMAS</b>	16/04/2003		"[As reformas] não irão salvar o Brasil, mas irão garantir que a gente tenha, no futuro, Estados tendo recursos para investir, não gastando metade ou mais da metade do dinheiro só com as aposentadorias que pagamos hoje"	
80	<b>REFORMAS</b>	12/04/2003		"(...) Do ponto de vista das reformas, a esquerda também tem comportamentos muito conservadores."	sobre a reforma da Previdência, ontem na <i>Folha</i>
81	<b>REFORMAS</b>	12/03/2003		"Quero dizer para vocês que não vou precisar esperar o mês de junho. Muito antes de junho nós vamos mandar o projeto de política tributária para ser discutido no Congresso Nacional."	falando a empresários na abertura da Feira Internacional do Plástico, em São Paulo, ontem na <i>Folha</i> .
82	<b>REFORMAS</b>	24/01/2003		"A reforma [tributária] só vai sair se vocês [governadores] quiserem e aceitarem perder alguma coisa."	
83	<b>REFORMAS</b>	23/01/2003		"A reforma [tributária] só vai sair se vocês [governadores] quiserem e aceitarem perder alguma coisa."	
84	<b>REFORMAS</b>	23/01/2003		"Se ficar só por conta dos secretários da Fazenda e a Receita Federal, a reforma não sai."	
85	<b>REFORMAS</b>	19/01/2003		"Precisamos primeiro fechar um projeto internamente, e não discutir pontualmente a reforma [da Previdência]. Precisamos ouvir mais a sociedade e falar menos."	

86	<b>REFORMAS</b>		Edição 1.803 21/05/2003	"Nem todo mundo dorme e acorda na mesma hora."	explicando por que o PT só defende as reformas agora
87	<b>REFORMAS</b>	18/02/2003		"O Brasil precisa de uma reforma que desonere o investimento produtivo e o trabalho, que simplifique os mecanismos de arrecadação e estimule o aumento da produtividade e da competitividade externa da nossa economia, melhorando a distribuição de renda.(...) É preciso reduzir os espaços para a tão problemática guerra fiscal, buscando uma convergência capaz de harmonizar as relações no interior da Federação."	
88	<b>SEGURANÇA PÚBLICA</b>	23/04/2003		"Um trabalho unificado fará com que a somatória das qualidades da polícia atinja a perfeição de um programa de segurança pública"	
89	<b>SINDICATOS</b>		Edição 1.800 30/04/2003	"Gostaria de pedir que baixem as faixas, inclusive a gloriosa Liga Operária, que de operário, que é bom..."	em Ouro Preto, ironizando um grupo de manifestantes
90	<b>SINDICATOS</b>	27/02/2003		"Tenho chamado a atenção para que o sindicato se transforme em instrumento político da sociedade, mais que um instrumento corporativo de uma categoria específica."	durante discurso na posse de Luiz Marinho na presidência do Consea, ontem na <i>Folba</i>

91	<b>TERCEIRO MUNDO</b>		Edição 1.800 30/04/2003	"Não agüento mais presidente latino-americano ficar jogando a culpa das desgraças do Terceiro Mundo no imperialismo. Isso é uma bobagem."	em discurso durante visita à Companhia Siderúrgica de Tubarão, no Espírito Santo
92	<b>UNIÃO NACIONAL</b>	18/02/2003		"Esta é a hora de cada brasileiro e brasileira pensar menos em si mesmo e mais no país... Louvável tem sido a conduta política dos governadores e governadoras, prefeitos e prefeitas, de todos os partidos, que vêm colocando seus compromissos com a nação acima de seus interesses particulares. (...) Temos desafios de ordem econômica e social tão complexos, tão graves, que por si só exigiriam a união de todos nesta Casa e no país."	